

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES**

**SABRINA DE LIMA GRESELLE**

**“VELHOS BONS TEMPOS”: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SÃO LUIZ DAS ANTAS,  
BENTO GONÇALVES/RS**

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**SABRINA DE LIMA GRESELLE**

**“VELHOS BONS TEMPOS”: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SÃO LUIZ DAS ANTAS,  
BENTO GONÇALVES/RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como exigência para a obtenção de graduação em  
Licenciatura em História da Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Katani Maria Monteiro  
Ruffato

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**SABRINA DE LIMA GRESELLE**

**“VELHOS BONS TEMPOS”: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SÃO LUIZ DAS ANTAS,  
BENTO GONÇALVES/RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como exigência para a obtenção de graduação em  
Licenciatura em História da Universidade de  
Caxias do Sul.

**Aprovado em 06 de agosto de 2020**

**Banca examinadora**

---

Profª Drª Katani Maria Monteiro Ruffato

Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profª Drª Eliana Rela

Universidade de Caxias do Sul - UCS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Marciele e Flávio, por agarrarem o sonho junto comigo e pelo suporte emocional e muitas vezes financeiro para que eu pudesse hoje estar aqui. E ao Luís Flávio, por ter paciência quando eu já não a possuía.

Agradeço aos professores que tive ao longo de toda a minha jornada escolar e acadêmica, todos tiveram papel essencial na minha formação. Destaco aqui a minha orientadora, Katani, pelos conselhos e pela ajuda incansável nesta pesquisa.

Agradeço ao Everton, pela compreensão, paciência, carinho e apoio durante todo o tempo.

Agradeço aos meus queridos entrevistados, que foram a chave para que o resultado deste trabalho viesse, por toda a ajuda e tempo disponibilizados.

Agradeço às pessoas que se envolveram direta ou indiretamente com esta pesquisa, não sendo possível nominar aqui, pela grande quantidade.

Agradeço à Rosane, por além de entrevistada, fazer sem querer com que eu me apaixonasse ainda mais pelo meu tema de pesquisa, além de me disponibilizar o seu acervo e fornecer contatos para o estudo.

Agradeço à Bianca, prima e afilhada pela companhia e ajuda em todo o processo de construção de fontes orais.

Agradeço aos meus amigos e colegas, que estiveram sempre presentes me vendo enlouquecer, muitas vezes, durante o percurso acadêmico.

Agradeço à minha equipe de trabalho no Museu do Imigrante por me dar total apoio durante todo o processo deste estudo.

Agradeço a Deus por ter pessoas tão especiais comigo.

*“A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta.”*

**Alessandro Portelli**

## RESUMO

São Luiz das Antas é uma comunidade rural localizada próxima à divisa entre as cidades de Bento Gonçalves e Veranópolis. Durante sua história, diferentes agentes históricos a tiveram como palco de experiências, costumes e práticas sociais. Neste trabalho, propõe-se observar como a história oral auxilia na construção da identidade cultural dessa localidade. Salienta-se a importância do estudo, uma vez que há carência nesse aspecto, além disso, menciona-se o potencial patrimonial da localidade, que é uma antiga vila ferroviária, ponto pouco valorizado no município, algo que ocorre também em outras antigas vilas ferroviárias. Para a construção da análise, as principais fontes utilizadas foram entrevistas - construídas com moradores e ex-moradores de São Luiz das Antas -, fotografias e documentos referentes à história da comunidade, como a Licença para a construção da capela e o Periódico da vinda da luz elétrica à localidade. A metodologia aplicada foi essencialmente a história oral, usada em conjunto com a análise de documentos escritos e fotografias, caracterizando uma *história oral híbrida*. Ao fim da pesquisa, identificaram-se as diferentes influências presentes na constituição da identidade cultural de São Luiz, percebendo-se também como a idealização da imigração italiana segue sendo evidente. A utilização da história oral possibilitou a visualização do compartilhamento de memórias comuns entre os sujeitos históricos resultando numa perspectiva parcial da identidade cultural de São Luiz das Antas.

**Palavras chave:** São Luiz das Antas. Memória. Identidade. História Oral.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cópia da primeira página do documento de Licença para a fundação da capela de São Luiz no lote nº 29 da 4ª Secção do Rio das Antas (1897) .....	18
Figura 2 - Documento da Inspeção de Educação de Bento Gonçalves (aprox. 1941) .....	21
Figura 3 - Turma de Thereza Maria Cagol Faé. A entrevistada não conseguiu datar. ....	21
Figura 4 - Cópia de recorte de reportagem do periódico Jornal do Comércio, de Porto Alegre, de 22/09/1977 com título “Distrito de São Luiz das Antas receberá a eletrificação rural.” (1977) .....	26
Figura 5 - Aldo Greselle e família em frente a caminhonete - primeiro automóvel da comunidade São Luiz das Antas (1970).....	43
Figura 6 - Portaria de Louvor Thereza Cagol Faé (1984) .....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>“TINHA A ESCOLA, A TORRE PERTINHO E A IGREJA”: MARCAS DOS PRIMEIROS TEMPOS DA COMUNIDADE DE SÃO LUIZ.....</b>	<b>17</b>
2.1	“Antigamente era parreira, parreira ninguém mais tem”: aspectos significativos da formação histórica de São Luiz.....	19
2.2	“Mudou tudo, mudou tudo, virou tudo de perna para o ar”: o Batalhão Ferroviário chega à comunidade .....	22
2.3	“Eu vou enxergar a luz ainda”: o tempo do “progresso”.....	24
<b>3</b>	<b>“A NOSSA COMUNIDADE É PEQUENA, MAS ELA SE TORNA GIGANTE NAS FESTAS”: ASPECTOS CULTURAIS DE SÃO LUIZ DAS ANTAS.....</b>	<b>29</b>
3.1	“Antigamente?! Má antigamente era melhor”: a vida comunitária entre festividades, lazer e religiosidade.....	29
3.2	“A gente se desdobrava, fazia ligeiro em casa, pra depois [...] participar”: o trabalho, a família e o papel da mulher .....	36
3.3	“Naquela época não tinha problema [...] era uma época boa”: aspectos gerais da sociabilidade em São Luiz das Antas .....	42
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>FONTES.....</b>	<b>53</b>
5.1	Documentos Escritos .....	53
5.2	Fotografias.....	53
5.3	Fontes orais .....	53
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Que eu me alembro eu, carro, cara, na minha época tinha muito pouco, nem existia carro, acho que não tinha ninguém, acho que a primeira caminhonete quem comprou aqui, de colono, foi o pai ainda”.*

**Luís José Greselle, 63 anos, 2019**

O enfoque do presente estudo é analisar alguns aspectos que contribuem para a constituição de uma identidade cultural, sobretudo por meio da história oral, na comunidade de São Luiz das Antas, localizada no interior de Bento Gonçalves, no distrito de Tuiuty e próxima à divisa com o município de Veranópolis. São Luiz das Antas tem 123 anos de história, apresentando pontos de grande desenvolvimento econômico, como lembram alguns moradores e ex-moradores da localidade, especialmente durante a construção de uma parte da estrada de ferro da Ferrovia do Vinho, no ramal Bento-Jaboticaba, que na comunidade está desativada desde a década de 1990.

Anteriormente, a comunidade possuía poucos habitantes, famílias imigrantes que se estabeleceram no local, que na sua maioria plantavam para a subsistência e pequenas vendas. Com a vinda do 1º Batalhão Ferroviário e uma grande quantidade de militares e civis para a construção da ferrovia, a localidade recebeu muitos moradores e viu crescer a oferta de emprego. Salienta-se que esse período também trouxe desavenças entre os moradores locais e os militares e que nem sempre essa convivência se deu de forma tranquila e amena.<sup>1</sup> No entanto, com a finalização das obras, uma grande parte dos trabalhadores não permaneceu no local, migrando para outras obras ferroviárias ou mesmo para suas casas próprias. Outro fator que mais tarde contribuiu para a ausência de reconhecimento de São Luiz, mas também das vilas ferroviárias como um todo, foi a desativação do ramal ferroviário Bento-Jaboticaba. Dessa forma, tornou-se cada vez mais esquecida na história do município, carecendo de estudos. Os residentes, atualmente, são famílias de antigos imigrantes e também pessoas vindas de outras localidades que ocupam as casas dos antigos militares do batalhão.

Este estudo utiliza, com destaque, a história oral como metodologia para contar a história do lugar, por meio de entrevistas a atuais e antigos moradores, trabalhando com

---

<sup>1</sup> Ver CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Bento Gonçalves: História e Memória - Distrito de Tuiuti**. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2001.

aspectos que dizem respeito principalmente à vida cotidiana, ao convívio social e à vida comunitária, percebendo quais foram as mudanças e as continuidades que marcam a trajetória de vida dos moradores. Ressalta-se que os trechos das entrevistas transcritos no presente trabalho não foram adequados à norma-padrão da língua, considerando-se que a linguagem pode ser considerada um fator importante na constituição da identidade.

Esta pesquisa procura observar, a partir de relatos de vivências de moradores e ex-moradores da localidade, qual é a sua identificação. É sobre ser uma antiga vila ferroviária? Tem a ver com a religiosidade e a devoção a São Luiz e Santa Ana? É a marca da imigração italiana (presente na maior parte do município de Bento Gonçalves)? Usando como metodologia a história oral, busca-se observar como ela auxilia na construção do pertencimento dessas pessoas na comunidade, quando evocam a memória do vivido.

A pesquisa busca articular primeiramente os conceitos de memória e identidade, bem como a relação desses com a metodologia empregada, para que dessa forma se compreenda a importância da memória dos sujeitos históricos para a construção de identidade. A observação da história do lugar - também, nesta pesquisa, contada, principalmente pelos entrevistados, já que não há aprofundamento em obras consultadas - se faz importante para a contextualização da pesquisa. Por fim, serão analisados e discutidos os aspectos culturais de São Luiz das Antas, para que se entenda qual a identidade que prevalece entre os moradores que participaram deste estudo.

Em pesquisas realizadas acerca do município de Bento Gonçalves e até mesmo do Distrito de Tuiuty, fala-se pouco sobre os aspectos culturais da comunidade de São Luiz das Antas. Considera-se que tais estudos são superficiais, pois englobam uma grande área, a qual São Luiz é apenas uma pequena parte. Sendo esses estudos alicerçados numa pesquisa quantitativa, trazendo dados sobre donos de lotes, quantidade de negócios, ano da ocupação ou pagamento da terra e não tratando do aspecto cultural que é o enfoque desta pesquisa, acredita-se que esta pesquisa poderá trazer outras abordagens sobre o espaço da localidade, que é parte essencial da história de Bento Gonçalves.

Hoje, o município de Bento Gonçalves tem crescido significativamente no âmbito do turismo. São Luiz das Antas possui uma potencialidade expressiva para ser uma rota histórica e cultural da cidade, por ser uma comunidade histórica, antiga vila militar do 1º Batalhão Ferroviário e possuir uma paisagem significativa. No entanto, não há investimento nesse aspecto e nem no que diz respeito ao estudo patrimonial do local. Entretanto, o Museu do Imigrante, instituição municipal que se ocupa da preservação e divulgação da memória local, está desenvolvendo um projeto que visa construir um inventário coletivo com as comunidades

de Bento Gonçalves, essencialmente as localizadas na zona rural, no qual a localidade de São Luiz será contemplada.

A ideia de trazer a História Oral como metodologia para a construção de conhecimento por meio de narrativas orais se deu pelo meu contato constante com a comunidade e, por conhecer grande parte de moradores e ex-moradores, percebi que para contar essa história seria de grande importância privilegiar a memória de quem vivenciou inúmeras experiências nesse lugar. O conhecimento acerca da história local, bem como de sua identidade, é o principal intuito dessa pesquisa, reconhecendo a importância da memória dos moradores como sujeitos de um processo histórico e, também, como participantes na elaboração da narrativa histórica, já que, segundo Alessandro Portelli (2016, p.10), diferentemente “da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. [...] Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares”.

Para a construção da pesquisa foram observados estudos sobre o tema, ou próximos ao tema, para se ter conhecimento do que já foi escrito que possa colaborar para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao realizar essas leituras, observou-se uma carência de estudos sobre a localidade de São Luiz das Antas nos livros e pesquisas realizados sobre a cidade de Bento Gonçalves e até mesmo quando o recorte é o distrito de Tuiuty.

Uma das leituras foi o livro de Bernardete Caprara e Terciane Luchese (2005), duas das principais historiadoras de Bento Gonçalves, intitulado *Da colônia de Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves: 1875-1930*, que é uma continuação, se não um resultado, dos estudos anteriores sobre os distritos e a área central da cidade. Essa pesquisa trata do processo de desenvolvimento de Bento Gonçalves, auxiliando assim a perceber como a cidade estava simultânea aos acontecimentos da comunidade em destaque no presente estudo. No entanto, o livro não traz aspectos mais concentrados nas localidades, fala-se mais da área central. A partir disso, percebe-se que o estudo de Caprara e Luchese, embora se difira da pesquisa aqui desenvolvida, serve de base para sua construção e desenvolvimento, ao passo que traz o processo histórico da cidade em que São Luiz das Antas está inserido. Logo, as modificações e acontecimentos da área central de Bento Gonçalves interferem direta ou indiretamente em suas localidades mais afastadas. Além disso, pontos interessantes e pertinentes à pesquisa são abordados na obra, como é o caso da chegada do Batalhão Ferroviário ao município e sua saída, explicando as mudanças que trouxe para o lugar. Aborda também como a religiosidade era um ponto bastante importante dentro da colônia e depois cidade de Bento Gonçalves, fator que permanece ainda muito presente em comunidades do interior do município, como é o caso de São Luiz, que ainda hoje possui celebrações com festas em honra aos seus padroeiros.

Outro estudo realizado por Caprara e Luchese (2001), *Bento Gonçalves: História e Memória - Distrito de Tuiuti*, fez parte de uma série de livros publicados sobre os distritos de Bento Gonçalves e, como as autoras afirmam, buscava resgatar, por meio de pesquisa e história oral, a memória e a história de Bento Gonçalves. A obra sobre Tuiuty dá suporte e contextualiza a história do distrito, bem como aponta aspectos essenciais para o melhor entendimento da constituição do lugar enquanto distrito e consequências da conquista dessa autonomia. O livro traz pequenos adendos sobre as comunidades, no entanto somente um pequeno trecho menciona a comunidade de São Luiz das Antas, o qual fala sobre a religiosidade e a construção da capela. Sobre o batalhão ferroviário, menciona a comunidade como local de alojamento dos militares, em breve citação. Entende-se que o objetivo do livro era abarcar o Distrito de Tuiuty como um todo e por isso é demasiado significativo como obra consultada, já que a localidade de São Luiz das Antas está inserida nesse contexto e história.

O estudo feito por Margit Arnold Fensterseifer em sua dissertação de mestrado em História pela Universidade de Caxias do Sul, em 2016, intitulado *Elaboração de modelo-ficha de patrimônios históricos a preservar: levantamentos técnicos e abordagens histórico-socioculturais*, embora trabalhe com uma visão mais concentrada na área de patrimônio material arquitetônico, se assemelha com o presente estudo no sentido de estudar, da mesma forma, uma antiga vila militar de Bento Gonçalves, também localizada em Tuiuty, próxima a São Luiz das Antas. Com isso, a leitura de Fensterseifer para a construção da presente pesquisa fez-se fundamental, pois grande parte da história da comunidade de São Luiz das Antas se constitui concomitante à da localidade de Km 2, abordada no estudo consultado, que é circundado durante a construção das obras ferroviárias de Bento Gonçalves. Além disso, a autora também utiliza a história oral como metodologia de estudo, proporcionando assim uma reflexão sobre as memórias encontradas nas diferentes comunidades durante o mesmo período histórico.

Em *Bento Gonçalves era assim* (1985), de Luís A. De Boni, é possível analisar as impressões sobre o início da Colônia de Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves, por cônsules em visita à região, e fica claro que o olhar apontado por essas autoridades era uma visão de exaltação dos imigrantes, essencialmente italianos, em solo brasileiro, apontando sacrifícios e lutas que travaram. O autor, entretanto, pontua aspectos de discordância em repúdio frente às colocações dos cônsules. Possível de perceber no trecho em que o cônsul Cav. Eduardo de Brichanteau (1892) afirma que “a medição de terras foi feita ao Deus dará, e os limites foram assinalados com palanques de madeira, hoje quase todos podres” (DE BONI, 1985, p. 62-63). Em nota de rodapé, De Boni então explica que muitos dos estudos sobre o tema discordam

dessa afirmação, já que embora houvesse muita corrupção, a medição de terras era satisfatória para aquele tempo.

Outro fator que foi possível perceber também a partir da leitura desse montante de relatórios é uma contradição de datas, uma vez que a comunicação não era suficiente na época. Esse estudo proporciona à presente pesquisa um maior aparato no que diz respeito à história e à formação da cidade de Bento Gonçalves, como antes comentado, visto por “olhos italianos”, trazendo assim suas análises. Percebe-se que a temporalidade do livro consultado antecede a criação do distrito de Tuiuty. Sendo assim, a localidade em nenhum momento é mencionada.

*Memórias: Bento Gonçalves - 109 anos*, escrito por Assunta de Paris (1999), foi outra obra consultada para a construção do presente estudo. O livro aborda questões da formação da cidade de Bento Gonçalves. Em algumas passagens apresenta uma visão bastante “romantizada”, uma vez que trata da construção da cidade com um olhar de valorização heroica e glorificação do imigrante italiano, especialmente durante os primeiros anos da colonização. Não obstante, é um livro que muito colabora para o entendimento e a visualização da história do município de Bento Gonçalves.

De Paris (1999) contempla, em uma parte do livro, o 1º Batalhão Ferroviário, explanando aspectos sobre os túneis, trilhos, alojamentos dos soldados durante a construção da via férrea e outros aspectos relevantes para a pesquisa a ser desenvolvida. Além disso, menciona como ocorreu, de forma sucinta, o desenvolvimento de cada distrito de Bento Gonçalves, possibilitando assim também um entendimento sobre Tuiuty. Entretanto, assim como outras obras consultadas, o livro tem como foco principal a cidade de Bento Gonçalves e, dessa forma, serve como base, mas se difere significativamente da presente pesquisa.

As duas pesquisas acima pontuadas trazem visões de engrandecimento do imigrante italiano, salientando, dessa forma, que houve sim dificuldades. No entanto, sabe-se que por ser um plano tanto do governo brasileiro como italiano essa imigração, alguns auxílios foram concedidos a esses imigrantes, que não ficaram de tal maneira desamparados.

Retomando a ideia central desta pesquisa, que busca dar a conhecer as manifestações culturais da população de São Luiz das Antas durante o processo histórico dessa comunidade, o campo em que o presente estudo está inserido é o da História Cultural. Segundo Sandra Pesavento (2008, p. 15),

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Quando se pensa sobre a identidade de um lugar, é necessário refletir sobre as memórias que os habitantes da localidade carregam: quem são os autores dessas memórias, em quais lembranças circundam as histórias e que memórias não são ditas? Como Candau (2012, p. 33) afirma, “a parte da lembrança que é verbalizada (evocada) não é a totalidade da lembrança”, com isso muito fica nas *entrelinhas*, no silêncio, nos gestos, na forma pensativa ao relatar algum acontecimento, e esses são aspectos que também são significativos para a construção da história, pois, como coloca Candau (2012, p. 72), “a partir dessas ocultações, pode-se esperar melhor compreender os processos complexos que acompanham, de início, a memorização e, em seguida, a rememoração”. É preciso entender que “na relação que mantém com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e outro ensolarado [...]” (CANDAU, 2012, p. 72).

Há de se refletir também sobre o contexto social e histórico no qual o respectivo lugar de pesquisa está inserido. Desse modo, o objeto do presente estudo é uma localidade do interior de Bento Gonçalves, a qual possui a presença de vários agentes históricos, como é o caso dos imigrantes, essencialmente italianos, a presença posterior do 1º Batalhão Ferroviário e as migrações ocorridas depois da década de 1970. Candau (2012, p. 193) afirma que “não há sociedades que sejam absolutamente imóveis, e hoje é diferente de ontem, como ontem diferia de antes de ontem, mesmo que seja incontestável que as mudanças se aceleram”.

A memória coletiva, aspecto fundamental para a formação da identidade, é fundada a partir das memórias individuais de cada integrante dessa sociedade. Sobre isso, Halbwachs (1990, p. 53-54) afirma que:

A memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Cada um dos entrevistados neste estudo trouxe consigo a sua experiência, a sua memória e também a sua identidade, assim sendo, a identidade e a memória coletiva de São Luiz das Antas também se transformam. Para Candau (2012, p. 16), “a memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada”. Nesse sentido, serão consideradas também as ausências das narrativas, pois, como nos lembra Candau (2012, p.18), a memória é forjada na relação esquecimento e lembrança.

Com o uso da história oral como metodologia de estudo, foi possível, através de entrevistas orais, ouvir as diferentes narrativas sobre a comunidade com o passar dos anos.

Desse modo, poder-se-á também perceber a importância que o lugar possui nas diferentes épocas, para os moradores e ex-moradores<sup>2</sup>. Para Portelli (2016, p. 17), “[...] a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas - mas, mais importante ainda, ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado, e do relacionamento entre eles.”

Como este estudo opera com preceitos da História Cultural - que se constituiu num diálogo incessante com a Antropologia -, Candau (2012, p. 10-11) destaca o papel da prática antropológica, para “determinar como, a partir de uma forma individual - um ser humano - [...] passa-se para formas coletivas”. Assim, “entrincheirada no ponto de passagem entre o indivíduo e o grupo”, a Antropologia “[...] esforça-se a compreender, a partir de dados empíricos, como os indivíduos chegam a compartilhar práticas, representações, crenças, lembranças, produzindo, assim, em uma determinada sociedade, aquilo que chamamos de cultura.”

É sobre práticas compartilhadas por um grupo de indivíduos que estamos tratando. E, para acessar essas práticas, ou as memórias dessas práticas, além da cocriação de fontes orais, o uso de outros tipos de documentos foi essencial para a constituição da pesquisa. Assim sendo, foram consultados acervos pessoais acerca da história de São Luiz das Antas, essencialmente religiosos e sobre a constituição do 1º Batalhão Ferroviário, de Rosane Maria Greselle Postal e Margit Arnold Fensterseifer, respectivamente. Sendo assim, utilizou-se a *história oral híbrida*, onde, “[...] além das análises das entrevistas, supõe-se o cruzamento documental, ou seja, um trabalho de maior abrangência.” (MEIHY, 2011, p. 15).

A história e a memória são também contadas através de fotografias. Consoante Candau (2012, p. 90),

Entre as várias razões que se conhecem para o sucesso da prática da fotografia em todos os meios sociais está certamente a maneira cômoda com a qual essa “arte moderna,” que é uma arte da memória, permite representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem.

A fotografia serviu neste estudo principalmente como um registro para a análise dos períodos históricos apontados pelas narrativas orais, com o intuito de perceber mudanças ocorridas na paisagem da localidade, bem como para ilustrar determinada informação ou fala. Além disso, alguns dos entrevistados utilizaram as fotografias de seus acervos pessoais durante a entrevista, instigando de forma considerável a memória.

---

<sup>2</sup> Ver roteiro de entrevistas elaborado para a presente pesquisa no ANEXO A.

É fundamental ter clareza que, quando se trabalha com a oralidade dentro de uma comunidade, essencialmente como no caso dessa pesquisa, nem sempre os narradores estão dispostos a nos fornecer as informações que desejamos, é preciso construir uma relação com os entrevistados, para que se sintam confortáveis para expor suas histórias. Portelli (2016, p. 10) afirma: “[...] a história oral [...] é primordialmente uma *arte da escuta*.” Ao historiar uma comunidade, é essencial lembrar que “[...] nossa contribuição para as pessoas e as comunidades com que trabalhamos depende da maneira como eles nos percebem, que não é necessariamente a que esperamos.” (PORTELLI, 2016, p. 31).

A produção e uso de fontes orais são pautados por procedimentos já bastante consolidados no meio acadêmico. Para a presente pesquisa, dois autores serviram como referência para a prática da história oral: Alessandro Portelli, em *História Oral como arte da escuta* (2016) e José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro, com a obra *Guia prático de história oral* (2011).

Meihy e Ribeiro (2011, p. 103) apresentam o processo de construção de fonte oral em três etapas, sendo elas:

1. pré-entrevista;
2. entrevista;
3. pós-entrevista.

Meihy e Ribeiro explicam que “a pré-entrevista corresponde à etapa de preparação do encontro que se dará a gravação. É importante que haja, sempre que possível, um entendimento preparatório para que as pessoas a serem entrevistadas tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação.” (2011, p. 103-104). Em relação a esse aspecto, no presente estudo, salienta-se que, para as entrevistas construídas, o contato anterior ao encontro se deu por ligação telefônica, na maior parte dos casos, ou por conversa presencial. Nessa comunicação foram apontados os objetivos da pesquisa, bem como a finalidade, e foi combinada uma data para a entrevista.

No processo da entrevista, Meihy e Ribeiro (2011, p. 104) colocam que “sempre que possível, deve-se manter um equilíbrio regular de tempo para as várias entrevistas com diferentes pessoas de um mesmo projeto”. Nas narrativas que foram construídas, foi possível, com a maior parte dos participantes, manter um tempo comum, entretanto, houve entrevistas que duraram períodos mais longos, ou então bastante curtos, se comparado a outras.

Na pós-entrevista, “cartas ou telefonemas de agradecimento devem ser enviados a fim de estabelecer a continuidade do processo.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 105). As pessoas entrevistadas, após a entrevista, foram contatadas para agradecimento, além disso, muitas

continuaram em contato, a fim de auxiliar em outros aspectos da pesquisa. Os autores Meihy e Ribeiro (2011, p. 106) dizem que “uma boa entrevista sempre é resultado de uma conversa entabulada amistosamente e sempre há um pouco de demonstração no processo narrativo.”

Saliento que todas as entrevistas tiveram a anuência dos entrevistados para uso nesta pesquisa, com assinatura de termo de concessão.

Sobre a relação do historiador com o seu objeto de estudo, Pesavento (2008, p. 81) assinala que “a História assim é controlada pela relação que estabelece com o seu objeto. Ela tem como meta atingir uma verdade sobre o acontecido, que se aproxime o mais possível do passado.” Assim, com esse estudo, inserido na perspectiva da História Cultural, procura-se evidenciar as manifestações da cultura presentes na formação da identidade de São Luiz das Antas, estabelecendo relações entre as memórias compartilhadas pelos indivíduos sobre o processo histórico da localidade e, a partir disso, entender qual a identidade ou identidades culturais constituem a comunidade atualmente. Sobre isso, Pesavento (2008, p.42) explica: “[...] a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.”

## **2 “TINHA A ESCOLA, A TORRE PERTINHO E A IGREJA”: MARCAS DOS PRIMEIROS TEMPOS DA COMUNIDADE DE SÃO LUIZ**

*“De início, quando eu casei, a festa era ir na missa, não era o lazer do churrasco e coisa, ficava poucas pessoas [...] tu ficava na festa porque ia trabalhar.”*

**Maria de Lourdes Nólío Postal, 65 anos, 2020**

O primeiro documento que remete à existência da comunidade de São Luiz Das Antas data de 21 de outubro de 1897 e diz respeito à Licença para a fundação da capela de São Luiz no lote nº 29 da 4º Secção do Rio das Antas, por meio da doação de terras de Domingos Cherubin para a construção do templo religioso, conforme indica a Figura 1. Dessa forma, em 2020, a comunidade comemora 123 anos. Conversando com uma das entrevistadas e detentora de grande acervo acerca da história da comunidade, Rosane Maria Greselle Postal<sup>3</sup>, soube-se

---

<sup>3</sup> Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.



## 2.1 “ANTIGAMENTE ERA PARREIRA, PARREIRA NINGUÉM MAIS TEM”: ASPECTOS SIGNIFICATIVOS DA FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO LUIZ

São Luiz das Antas está localizada na Serra do Rio das Antas, na 4ª Secção, hoje pertencente ao Distrito de Tuiuty. Durante seus primeiros anos, teve como moradores famílias de imigrantes, já que “a partir de fins de 1875 a entrada de imigrantes na Colônia de Dona Isabel, posterior município de Bento Gonçalves, promoveu intenso povoamento das linhas demarcadas inicialmente pelos engenheiros e agrimensores”. (LUCHESE; CAPRARA, 2005, p. 160). Em entrevista com Dona Thereza, ela lembra sobre as famílias: “teu vô, José Greselle, depois era o Antônio Faé, o, como é, o Simon Pedrotti, o, Angelin Postal, o Isaac Franceschi, o Giácomo Concli, Disidério Baretto, não, Disidério Zanetti, Aquiles Baretto<sup>5</sup>, naquela época né, dos antigos, porque depois encheu”.

A partir das narrativas orais, percebe-se que São Luiz, até meados da década de 1940, quando chega à comunidade o 1º Batalhão Ferroviário, tinha como principal estrutura socioeconômica das famílias a agricultura de subsistência e alguma venda feita para cantinas e cooperativas da região, possível de se observar nos trechos “antigamente era parreira, parreira ninguém mais tem [...] vendia pra cantina”<sup>6</sup>, “nós plantava milho, feijão e tinha cana-de-açúcar, pra fazer cachaça, tinha parreira [...] a gente vendia a uva nas cooperativas [...]”<sup>7</sup> e “antigamente era trigo, feijão [...] numa cooperativa que nós tinha no Passo Velho<sup>8</sup>, se vendia quanto, quando eles precisava né, que não era fácil de vender né”<sup>9</sup>. Não tendo, dessa forma, uma economia voltada significativamente ao comércio, o que fortalecia a partilha de alguns alimentos entre os vizinhos.

Destaca-se que a comunidade de São Luiz tem como crença principalmente a religião católica e que, no período agora retratado, a adesão a essa fé era ainda maior, assim, em sua estrutura, havia igreja e cemitério, escola, salão comunitário e “a cancha de bocha, o jogo de futebol”<sup>10</sup>. A escola era pública, subsidiada pelo município de Bento Gonçalves, “as

<sup>5</sup> Salienta-se que os nomes e sobrenomes citados podem possuir erros ortográficos, já que foram mencionados tal qual foram falados na entrevista.

<sup>6</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2019.

<sup>7</sup> Entrevista de Lucina Maria Parisi Faé à Sabrina de Lima Greselle, realizada na cidade de Veranópolis - RS, em 25 de janeiro de 2020.

<sup>8</sup> Antigo Passo das Antas. Ver CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Bento Gonçalves: História e Memória** - Distrito de Tuiuti. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2001.

<sup>9</sup> Entrevista de João Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>10</sup> Entrevista de João Batista Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na cidade de Bento Gonçalves - RS, em 05 de fevereiro de 2020.

administrações coloniais tentaram amenizar o problema do ensino com a criação de escolas nas sedes dos núcleos coloniais”<sup>11</sup> (LUCHESE E CAPRARA, 2005, p. 463). Assim, conforme as lembranças de Thereza, professora da localidade na época, “era tudo pelo programa do ensino, vindo da inspetoria, da diretoria da prefeitura<sup>12</sup>, já vinha as aula que tu tinha que dar durante o mês, era separadinho, primeiro ano, segundo, terceiro, quarto,...”<sup>13</sup>. A escola, “era de duas comunidades, São Luiz e Rosário e tinha uns da ponte também”<sup>14</sup>. Anteriormente nomeada como Aula Municipal, continha apenas uma sala de aula, e a professora era responsável por todas as tarefas escolares. José Batista Greselle lembra: “as professoras era, de início que eu fui Anita Faé, depois [...] Pierina, logo veio a Teresinha Faé [...]”. Thereza Faé, mencionada por Seu João, em suas lembranças, menciona aspectos escolares da época, em que “o início das aulas era pontual hein, saía às sete e meia de casa, oito hora chegava na escola, começava as aula, até onze e quarenta e cinco”. Em outro trecho falando sobre seus alunos, Thereza comenta que “a turma que eu tinha das crianças, não era só da aula da primeira série, era da primeira até a quinta, cinco classes, gente, não era brincadeira, cinco classes, tinha que tomar conta de todos” e complementa em outra passagem “[...] cheguei a dar aula até com trinta e cinco, da primeira a quinta série”, conforme é possível observar, mais adiante, na Figura 3.

---

<sup>11</sup> Salienta-se que o período retratado na pesquisa, sendo ele lembrado de maneira incerta pela idade dos testemunhos orais, não é o período em que Bento Gonçalves era ainda Colônia de Dona Isabel, mas sim já município, no entanto, as práticas escolares e as escolas nas comunidades do interior que começaram no início da imigração permaneceram por bastante tempo no ensino público municipal.

<sup>12</sup> A Figura 2 demonstra um documento da Inspetoria da Educação de Bento Gonçalves, data aproximadamente de 1941.

<sup>13</sup> Entrevista de Thereza Maria Cagol Faé à Sabrina de Lima Greselle, realizada na cidade de Bento Gonçalves - RS, em 25 de janeiro de 2020.

<sup>14</sup> Idem.

Figura 2 - Documento da Inspeoria de Educação de Bento Gonçalves (aprox. 1941)

MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES		Modelo A
Inspeoria Escolar		
FICHA do aluno <i>Alde Greselle</i>		
Sexo	<i>Masculino</i>	COR <i>branca</i> Religião <i>católica</i> Matrícula <i>nº 15 - 11/11</i>
Aula	<i>Francisco Manoel</i>	
NACIMENTO:		
Idade	<i>11</i>	DATA: Mês <i>Setembro</i> dia <i>15</i> ano <i>1930</i>
Lugar	<i>4ª Sec. R. das Antas lote nº 28</i>	
Residência e distância dela da aula	<i>15 Sec. R. das Antas, 300m</i>	
EDUCAÇÃO:		
Ano	<i>1º ano</i>	Data da matrícula <i>1-4-34</i> Escolas anteriores e frequência
SAÚDE:		
Atestado	—	data — Medico —
Peso e altura	<i>29 kg - 1 m, 38</i> data: mês <i>Abril</i> dia <i>16</i> ano <i>1941</i>	
Doenças que já teve:		
Outapora	<i>Teno</i>	data <i>1926</i>
Oqueluche	<i>Não</i>	
Oachumba	<i>Não</i>	
Escarlatina	<i>Sim</i>	<i>1940</i>
Sarampo	<i>Não</i>	
VACINAS:		
Grube	<i>Não</i>	data —
Tifo	<i>Não</i>	
Variola	<i>Não</i>	
TRACOMA: <i>Não</i>		
FAMILIA:		
	Nome	<i>José Greselle</i>
	Nacionalidade	<i>Brasileira</i>
	Resid. e tempo dela	<i>Assida 4ª Sec. R. das Antas, 28</i>
PAI	Profissão	<i>Agricultor</i>
	Situação econômica	<i>boa</i>
	Religião	<i>católica</i>
	Gráu de instrução	<i>1º alfabet</i>
	Nome	<i>Victoria M. Greselle</i>
	Nacionalidade	<i>Brasileira</i>
MÃE	Residência e tempo dela	<i>4ª Sec. R. das Antas - 25. anos</i>
	Profissão	<i>Dona de casa</i>
	Religião	<i>católica</i>
	Gráu de instrução	<i>1º alfabet</i>
IRMÃOS:		
Nome	<i>Rosalda greselle</i>	idade <i>22</i> Coleg. ou trabalho <i>Agricultura</i>
	<i>Luiz</i>	<i>20</i> <i>Agricultura</i>
	<i>Leonor</i>	<i>18</i>
	<i>Rosilde</i>	<i>16</i>
	<i>João</i>	<i>14</i>
	<i>14</i>	<i>13</i>
	<i>15</i>	<i>11</i>
	<i>Adriano</i>	<i>8</i>
	<i>Yvone</i>	<i>7</i>
OBSERVAÇÕES:		

Fonte: Acervo pessoal - Rosane Maria Greselle Postal

Figura 3 - Turma de Thereza Maria Cagol Faé. A entrevistada não conseguiu datar.



Fonte: Acervo pessoal - Thereza Maria Cagol Faé

Posteriormente, com a presença do 1º Batalhão Ferroviário na comunidade, a escola, bem como a igreja, que nos primeiros anos de docência de Dona Thereza ficavam “perto da caixa d’água” e “tinha a escola, a torre pertinho e a igreja”, e que João Batista Greselle menciona em sua entrevista sobre, “a igreja, te digo eu, era uma barraquinha [...] depois o batalhão fez isso aí [...] a igreja que tá lá agora, o batalhão que fez, o salão não, o salão fizemos nós”, foram reconstruídos pelo exército.

Os dois narradores mais velhos do estudo são Seu João e Dona Thereza. Sobre eles, nota-se que as memórias de Dona Thereza são “[...] uma experiência profunda: repassada de nostalgia [...]” (BOSI, 1994, p. 82). Já as lembranças de Seu João não são tão fáceis de serem compartilhadas, sobre isso, Candau (2012, p. 72-73) diz:

A lembrança, tal como ela se dispõe na totalização existencial verbalizada, faz-nos ver que a memória é também uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio. É por isso que muitas vezes as pessoas, ao envelhecer, tornam-se muito falantes ou então definitivamente silenciosas [...].

A escola, mencionada anteriormente, funcionou até os anos de 1990 e fechou principalmente pela

[...] dificuldade dos professores chegarem, que eles vinham de manhã, chegavam tarde, tinham que subir morro, se era de tarde também chegavam muito tarde, o número de horas aula era bem reduzido né, tinha chuva e tal e o número de alunos também ficou reduzido e na época também foi fechada várias escolas do interior.<sup>15</sup>

A igreja, atualmente, segue sendo utilizada pela comunidade.

## 2.2 “MUDOU TUDO, MUDOU TUDO, VIROU TUDO DE PERNA PARA O AR”: O BATALHÃO FERROVIÁRIO CHEGA À COMUNIDADE

O 1º Batalhão Ferroviário chegou em Bento Gonçalves em 1943 e permaneceu até o ano de 1971, possuindo sede no bairro São Roque, onde atualmente encontra-se o 6º Batalhão de Comunicações. Durante o período, foram construídos trechos do chamado Ramal do Tronco Principal Sul (TPS)<sup>16</sup>. As Vilas Ferroviárias foram constituídas nos locais de construção das

<sup>15</sup> Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.

<sup>16</sup> O trecho liga os estados do Rio Grande do Sul ao estado de São Paulo, passando pelos estados de Santa Catarina e Paraná.

vias férreas, onde, de acordo com Fensterseifer (2016, p. 20), parte dos militares e civis que ajudaram a construir todo o complexo férreo se alojavam durante as obras do ramal. Dentre as vilas constituídas em Bento Gonçalves, podemos citar Veríssimo de Matos, KM2<sup>17</sup>, Jaboticaba e São Luiz.

Em São Luiz das Antas, a presença do Batalhão é parte das memórias dos moradores. Segundo os relatos, as casas “era mais pros [...] do batalhão mesmo que ocupava as casas né, soldado, essas coisas e daí as outras pessoas que trabalhavam faziam as casinhas ali ao redor”<sup>18</sup> e “veio gente de fora, de outros municípios e coisa que trabalharam ali [...]”<sup>19</sup>, sendo que “daqui não era ninguém, era de Santiago, São Borja, lá pra cima”<sup>20</sup>.

Os primeiros contatos com os militares são lembrados por dona Thereza que conta: “Quando eles projetaram de fazer, de abrir a linha de ferro, mandaram um grupo, de tenente, subtenente e eu tava dando aula [...] eu um dia, eu nem esperava, quando vi, a porta sempre aberta, olhei, vi os militares né, na frente, até fiquei meio constrangida porque imagina [...]”. Luís José Greselle conta que com a vinda do Batalhão

[...] mudou tudo, mudou tudo, virou tudo de perna para o ar [...] pra aquela época foi bom né, deu emprego pra todo mundo, quanta gente trabalhou [...] eu peguei uma época depois de 56, é, 60, eu era piação, me alembro, batalhão foi embora daqui em 62, eu conheci o quartel, conheci tudo [...] era uma cidade que tinha aí.

Outros sujeitos afirmam que não tinham muito contato com o Batalhão, no entanto comercializavam com os militares, como na fala de João Postal: “Lembro porque eu ia levar mercadoria para o rancho do batalhão [...] eles tinham residência em São Luiz e o cara vendia as coisas para eles, tinha que levar lá né”.

É interessante perceber as diferentes interações dos moradores com o 1º Batalhão Ferroviário, já que as famílias que residiam próximas à Vila Militar ressaltam o crescimento da localidade, enquanto os moradores mais afastados do “centro” da comunidade apontam somente as interações comerciais que possuíam com os militares, não tendo uma relação significativa com os novos moradores locais. Sendo assim, cada morador tem uma memória distinta sobre o

<sup>17</sup> Para uma leitura sobre o patrimônio cultural ferroviário de Bento Gonçalves, ler FENSTERSEIFER, Margit Arnold. **Elaboração de modelo-ficha de patrimônios históricos a preservar** : levantamentos técnicos e abordagens histórico-socioculturais. Dissertação, UCS, 2016.

<sup>18</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Nólío Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2019.

evento, que nesse caso não é compartilhada por todos os membros, já que “toda a memória é social, mas não necessariamente coletiva [...]”. (CANDAUI, 2012, p. 49)

A localidade recebeu a passagem da Maria Fumaça nesse período. Nas lembranças de Luís José Greselle, de quando era criança, o transporte era de carga e não de passageiros, como mencionado no trecho “só Maria Fumaça passou bastante [...] puxava dormente para baixo, trilho [...] a Maria Fumaça vinha de Porto Alegre, puxava tudo aqui”, muitas vezes também servia como carona “[...] foi até, nós era piação, tinha, ia pro colégio, dez, é, sete, oito, dez anos, nós ia, descia levar almoço pro pai lá embaixo, o tio, nós ia sempre com a Maria Fumaça, passava aí onze, onze e pouco, embarcava e ia até lá embaixo, quase todos os dias.”

Após o término da construção do ramal ferroviário, o 1º Batalhão saiu da comunidade, com isso, hoje, lembra Maria de Lourdes Nólío Postal, “não tem ninguém ali, que são descendentes dos ferroviários”<sup>21</sup>. As casas dos antigos militares permaneceram fechadas e sem moradores por algum tempo e, sobre isso, Luís José Greselle diz que “ficou uma temporada que não tinha ninguém [...], o batalhão botou um cara pra cuidar [...] agora eles nem querem saber das casinhas”.

No entanto, com o passar dos anos, novos moradores foram fixando residência nas antigas casas da Vila Ferroviária, alguns com o pagamento de aluguel ao exército, “aí começou a vir os papel pra pagar aluguel, aí eu paguei [...] disse que ia botar pra rua, que pra rua, até hoje tô aqui”, conta dona Lourdes Pelizzari.<sup>22</sup> “Antigamente”, relata Rosane Maria Greselle, “tem alguns casos que nem tinha a dona Maria, que tinha o filho, o Rocha, que chamavam de Rochinha, ele, o batalhão, eles ainda pagavam um aluguel né [...]”<sup>23</sup> e outros por meio de “invasão”, já que as moradias estavam ‘abandonadas’.

### 2.3 “EU VOU ENXERGAR A LUZ AINDA”: O TEMPO DO “PROGRESSO”

Na década de 1970, chegou à comunidade a luz elétrica (observar Figura 4<sup>24</sup>), fato este evocado pelos moradores como sinônimo de progresso, principalmente ao ser apontado em

<sup>21</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Nólío Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves -RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>22</sup> Entrevista de Lourdes Maria Pelizzari à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 01 de março de 2020.

<sup>23</sup> Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS em 08 de fevereiro de 2020.

<sup>24</sup> Um recorte do Jornal do Comércio, de Porto Alegre, datado de 22 de setembro de 1977, aponta uma reunião entre as autoridades municipais e comunitárias para a conclusão das obras de extensão da rede de energia elétrica em São Luiz das Antas.

relação às mudanças na infraestrutura da comunidade, já que “a luz, antes era velinha de querosene”<sup>25</sup>. Esses acontecimentos comunitários se mesclam com eventos individuais de cada um dos entrevistados, em uma dualidade entre a identidade comunitária e a identidade do sujeito, nesse caso,

[...] está em jogo a reapropriação do passado familiar, à qual cada indivíduo se lança ao mobilizar as funções de revivência e flexibilidade. Essa reapropriação é sempre específica e o sentido que ela confere aos acontecimentos familiares memorizados é irredutivelmente singular, idiossincrático. (CANDAU, 2012, p. 141)

Exemplifica-se o que foi exposto com esse trecho:

[...] veio, a luz veio em setenta e cinco, que a vó, a época que a vó morreu, a vó morreu em agosto e a luz veio em 75 e , setembro, outubro, outubro ou novembro eu acho que veio [...] a vó tava na cama, mas veio é, tavam botando os palanque naquela época, diz a vó “eu vou enxergar a luz ainda”, que enxergar!<sup>26</sup>

No trecho acima, percebe-se que a memória de Luís José Greselle sobre a chegada da luz elétrica à comunidade está intimamente ligada ao falecimento da avó, que gostaria de enxergar a luz em São Luiz, mas não conseguiu, pois veio a falecer antes.

---

<sup>25</sup> Entrevista de João Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>26</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2019.

Figura 4 - Cópia de recorte de reportagem do periódico Jornal do Comércio, de Porto Alegre, de 22/09/1977 com título “Distrito de São Luiz das Antas receberá a eletrificação rural.” (1977)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Nas décadas seguintes, em meados de 1980 e 1990, a comunidade voltava a receber transporte ferroviário, já que transitava no local a Maria Fumaça, com transporte de turistas<sup>27</sup>, lembrança compartilhada por muitos moradores quando questionados sobre as memórias mais marcantes que possuem sobre São Luiz das Antas, uma “memorização coletiva possível, pois o contexto é aquele de uma memória forte enraizada em uma tradição cultural”. (CANDAU, 2012, p. 46). Odila Calza de Lima, quando perguntada sobre o assunto, conta que “Da Maria Fumaça [...] todos os domingos passava e faziam dança na estação e depois desciam para Jaboticaba”. Já Ivo Rosina fala “[...] o tempo da Maria Fumaça [...] era bem legal [...] a Maria Fumaça era mais no domingo, daí nos domingos de manhã nós ia lá na estação assistir ela [...]

<sup>27</sup>O Ramal Bento-Jaboticaba foi o primeiro trecho da Ferrovia do Vinho no Município de Bento Gonçalves, projeto idealizado por José Ernesto M. Oro, quando secretário do Desporto e Turismo da cidade na segunda metade da década de 1980. Houve apoio e aprovação da Rede Ferroviária Estadual (RFFSA), o passeio reunia um número significativo de visitantes, essencialmente entre os anos de 1986 e 1990. São Luiz das Antas era parada para o almoço, contando com shows de corais italianos e feiras de artesanato. A viagem foi interrompida devido ao estado não tão seguro da ferrovia e trocas na administração da estrada de Ferro. Hoje o passeio contempla as cidades de Bento Gonçalves e Carlos Barbosa e é feita pela Giordani Turismo Ltda. Ver DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. **Passeio de trem Maria-Fumaça: os diferentes olhares.** Dissertação (mestrado) – Pró Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2006. 149p.

vinha gente estranha, de outros lugar, daí nós ia lá”<sup>28</sup>. Lourdes Maria Pelizzari diz que o que mais marcou sua memória é que “esses aqui [filhos] eu tenho o rapaz, a outra gurria<sup>29</sup> ia acha fruta pra vender lá na Maria Fumaça, lá embaixo [...] bergamota, o que achava e vendia”. Esses relatos podem ser pensados a partir do que afirma Alessandro Portelli (2016, p. 12) sobre a representatividade da história oral, ela “não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores [...]”.

Depois da interrupção dos passeios de Maria Fumaça na comunidade, ao fim dos anos 1990, esta foi se tornando cada vez menos visível no Município de Bento Gonçalves, com pouco investimento em infraestrutura, estradas e outros aspectos estruturais. Além disso, a maior parte dos atuais moradores da comunidade são descendentes dos imigrantes que se fixaram no local durante o fim do século XIX e início do século XX. Luís Greselle afirma que “quem ficou aqui, nós, os Faé, Faé já não tem mais nada, já terminou, foram, tem só as casas, os Concli, os Postal, morava aí [...] os Greselle [...] sim os Rosina e só.”<sup>30</sup> Quanto às famílias vindas posteriormente à saída do Batalhão Ferroviário da localidade, os moradores mais antigos apontam que os ocupantes das antigas residências do exército já mudaram bastante durante esse tempo, vindas dos mais diferentes lugares da região.

Dentre os entrevistados para este estudo, duas personagens vieram morar nas chamadas “Casinhas de Turma”<sup>31</sup> durante a década de 1980 e 1990. “[...] Em Jaboticaba [...] depois subi pra São Luiz, depois de São Luiz fui morá em Porto Alegre daí quando meu marido faleceu eu vim de volta para São Luiz”, conta Odila Calza de Lima, que não mora mais na comunidade faz 17 anos. Lourdes Maria Pelizzari explica como acabou morando em São Luiz: “Eu sou natural de Cotiporã [...] é que eu fui mora em Monte Belo, de Monte Belo fui pra Cotiporã de novo, foi indo pra cá, foi indo pra lá, fui pra Monte Belo de novo, fui mora lá perto do João Postal, daí o falecido Nico disse ‘vou achar um lugar pra vocês nessas casas do batalhão’ daí vim morar aqui”. Lourdes mora há 31 anos na localidade, sendo uma das moradoras mais antigas dessas residências.

Atualmente, o número de moradores quando comparado com a população da comunidade antigamente “não é muitos, porque antigamente tinha moradores em todos os lotes e hoje em dia, né, são duas, três famílias, algumas famílias de agricultores e as famílias que

<sup>28</sup> Entrevista de Ivo Rosina à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de março de 2020.

<sup>29</sup> Uma das filhas participou da entrevista, já que Dona Lourdes tem problema de audição, com auxílio na comunicação.

<sup>30</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2019.

<sup>31</sup> Nomenclatura utilizada pelos moradores quando se dirigem às casas da antiga Vila Ferroviária.

residem nas casas que eram do batalhão”<sup>32</sup> e, com isso, a participação comunitária também é bastante precária, o que entristece os agentes comunitários mais ativos. “Mudança, nem sempre é boa [...] quando a gente comemorou os 100 anos, foi feito o tríduo e as pessoas lotaram o salão, nem a igreja [...] já na festa de 120 anos, que era uma festa mais grande, foi mais organizada, as pessoas tiveram menos participação [...]”<sup>33</sup> conta Rosane Postal. No entanto, em época da Festa de São Luiz, comemorada sempre no fim de junho, “[...] é o momento que a comunidade mais se une, é o momento da festa, que é onde, eu sempre digo, que a comunidade tem três, quatro famílias e na festa eles fazem uma festa grandiosa pra 400 pessoas [...]”<sup>34</sup>.

Neste capítulo foi explanado, de forma geral, aspectos marcantes da construção da história da comunidade, segundo relato de alguns dos moradores e ex-moradores de São Luiz. Nesse sentido, salienta-se que “[...] devemos, com todo o rigor, considerar a hipótese de que o compartilhamento (crenças, representações) possa ser parcial, relativo a uma parte somente do grupo”. (CANDAUI, 2012, p. 43). Sendo assim, é impossível a história abarcar a totalidade dos acontecimentos, fatos e memórias, já que “[...] toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em um dado momento das suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra o que não é compartilhado”. (CANDAUI, 2012, p. 34), sabendo disso, “a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas” (PESAVENTO, 2008, p. 51).

No próximo capítulo serão abordados os aspectos culturais da localidade, de forma a perceber de que maneira as práticas culturais formam uma identidade coletiva entre os moradores de São Luiz das Antas e quais as memórias que mais são compartilhadas entre os entrevistados.

---

<sup>32</sup>Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.

<sup>33</sup>Em 1999 foram comemorados os 100 anos da comunidade e em 2017, os 120 anos. Aspectos que serão abordados no subitem 3.2 “A gente se desdobrava, fazia ligeiro em casa, pra depois [...] participar”: o trabalho, a família e o papel da mulher do capítulo 3, intitulado *A nossa comunidade é pequena, mas ela se torna gigante nas festas*: aspectos culturais de São Luiz das Antas.

<sup>34</sup>Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.

### 3 “A NOSSA COMUNIDADE É PEQUENA, MAS ELA SE TORNA GIGANTE NAS FESTAS”: ASPECTOS CULTURAIS DE SÃO LUIZ DAS ANTAS

*“Da Maria Fumaça, todos os domingos passava e faziam dança na Estação, depois descia pra Jaboticaba<sup>35</sup>, as vezes eu descia junto de carona.”*

**Odila Calza de Lima, 60 anos, 2020**

Neste capítulo serão abordados os aspectos culturais presentes na identidade de São Luiz das Antas, uma vez que “A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a coletividade, e estabelece a diferença” (PESAVENTO, 2008, p. 89-90). Os recortes observados serão: a religiosidade, o trabalho, a vida comunitária, distinções de gênero e aspectos gerais da comunidade.

#### 3.1 “ANTIGAMENTE?! MÁ ANTIGAMENTE ERA MELHOR”: A VIDA COMUNITÁRIA ENTRE FESTIVIDADES, LAZER E RELIGIOSIDADE

É importante salientar que a sociabilidade das famílias que residem na comunidade de São Luiz se dá em grande parte por meio da relação dos moradores com a religião, essencialmente católica. Analisando as fontes orais construídas para essa pesquisa, os narradores apontam, na maioria dos casos, quando questionados sobre a vida comunitária da comunidade antigamente, pontos envolvendo a prática religiosa, possíveis de serem observados nos seguintes trechos, “a gente se reunia bastante, se visitava bastante entre as famílias, quase todo fim de semana a gente se visitava entre os vizinhos, fazia os filó, se, como se diz, levava a capelinha, rezava o terço junto, se fazia a novena [...]”<sup>36</sup>, outra entrevistada conta sobre as histórias que ouvia, já que é uma das participantes mais jovens do estudo:

---

<sup>35</sup> Jaboticaba é uma antiga Vila Ferroviária, assim como São Luiz, localizada próximo a comunidade do estudo e que ainda hoje recebe o tráfego de trens de carga, embora não possua mais parada, sendo que a Estação, bem como as antigas casas do Batalhão são moradias.

<sup>36</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Nólío Postal a Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

o terço na comunidade era feito sempre, nas famílias também, tinha sempre, tinha o filó, e o filó não era só ir, para conversar, também se rezava né, praticamente todas as noites se fazia o filó na casa de alguém, mas era um momento de oração também, o terço na igreja era uma coisa marcada, domingo de tarde, todo mundo parava de jogar *quadrilho* pra ir pro terço.<sup>37</sup>

Outro entrevistado conta com saudade do período em que a comunidade era mais unida se comparada a atualmente e pontua-se novamente a questão religiosa, “uma vez tu ia pra missa, terço domingo, tudo aberto, salão aberto, hoje não, tá tudo fechado, não tem mais nada [...] Antigamente?! Má antigamente era melhor, era trabalhá, igreja, fim de semana ia pro terço [...]”<sup>38</sup>.

A religião católica é marca em todas as colônias italianas, ao chegarem aos seus lotes e tendo que construir e plantar sem muito auxílio, os imigrantes buscavam na fé um refúgio, “restava olhar para o céu e sob as árvores, com a família, buscar o alento na prece.” (CAPRARA; LUCHESE, 2005, p. 306). No distrito de Tuiuti, “a devoção e a fé foram marcas constantes [...]. Capelas, capitéis, rezas de terço e festas religiosas foram as formas encontradas pelos imigrantes para, juntos, unirem-se, superarem as dificuldades diárias e manifestarem sua fé religiosa.” (CAPRARA; LUCHESE, 2001, p. 76). Sendo assim, a perpetuação dessa crença durou até os dias de hoje, no entanto, ao longo do tempo, a religião deixou de ser prioridade na vida das famílias, e Rosane Postal aponta que “até esses descendentes de imigrantes acabaram indo para a igreja hoje quando tem tempo, a religião tá, fica em segundo plano na comunidade”.

A religiosidade e sua prática são aspectos de tradição dentro de algumas comunidades, dentre as quais estão as regiões colonizadas por italianos, assim, pode-se afirmar que, em São Luiz,

essas lembranças encontram sua justificativa não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo, mobilizando deliberadamente a memória autorizada de uma tradição. (CANDAUI, 2012, p. 122)

Além do costume da visita entre famílias, para a prática do filó e do terço, as missas e festas anuais da comunidade em honra a São Luiz Gonzaga eram um momento esperado e participativo entre a comunidade. Maria Postal conta em um trecho de sua entrevista que “uma vez todo mundo ia, dizia ‘ah, tal dia tem missa’, todo mundo, era grande, pequeno, as crianças,

<sup>37</sup> Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal a Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.

<sup>38</sup> Entrevista de Luís José Greselle a Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2019.

todo mundo ia”. Além disso, as celebrações em honra a São Luiz Gonzaga, padroeiro da localidade, eram significativas para todos os moradores, por representar um momento de festa e lazer. É possível perceber que houve mudanças em relação à organização e cronograma das festas de São Luiz. A seguir, percebe-se a festa em diferentes períodos da comemoração. Primeiramente, a festa nas lembranças de Thereza Faé, de 95 anos:

festa da comunidade era só uma por ano, sempre no mesmo dia, dia 21 de junho, dia de São Luiz [...] as festas no dia que caía o dia do santo era feita e o padre pra ir rezar a missa no início da comunidade, eles tinham que sair aqui da igreja Santo Antônio a cavalo até São Luiz pra rezar a missa, [...] almoço naquela época cada um fazia na casa deles, não era feito na comunidade o festejo, assim de fazer o churrasco, porque não tinha salão, [...] então o que as famílias faziam, convidavam, a gente convidava os parentes mais próximos para vim a festa, então a gente assistia a missa e depois a gente voltava na casa dos parentes pra almoçar [...] e de tarde ficavam, ficavam por lá, às vezes a gente voltava de novo pra se reunir junto com a turma né, senão a gente ficava nas famílias, a gente nem voltava mais lá na igreja, é, era assim [...]

Para Maria Postal, de 65 anos, as memórias sobre as festas de São Luiz

era de São Luiz e Sant’ Ana<sup>39</sup>, [...] uma vez por ano, uma vez, às vezes faziam lá pela setembro, conforme as condições da comunidade, que se queriam construir alguma coisa pro salão [...] aí de repente faziam uma outra festa ou uma janta, um almoço assim pra arrecadar dinheiro [...].

Em outro trecho, lembra:

Antigamente era festa pra 30, 40 pessoas, de início mesmo, quando eu casei, a festa era ir na missa, não era o lazer do churrasco e coisa, ficava poucas pessoas, que nem os daqui, geralmente da comunidade vinham pra casa almoçar, [...] ia pra missa e vinha pra casa, [...] tu ficava na festa porque ia trabalhar.

Rosane Postal, de 42 anos, conta sobre os festejos:

normalmente, se faz a festa do padroeiro né, em junho, sempre perto da festa de São Luiz, que é dia 21 [...] antigamente o número de pessoas era muito menor nas festas, hoje tem vezes que chega a 350, 400 pessoas, antigamente a gente tinha o salão menor, eram 150, 200 pessoas, era uma festa muito grande pra nossa comunidade.

Dessa forma, percebe-se a mudança principalmente na questão da prática religiosa, aqui simbolizada pela missa festiva, que antigamente era o ponto mais significativo da festa. Hoje

---

<sup>39</sup> Quando começaram as pesquisas acerca da comunidade, acreditava-se que antigamente havia duas igrejas, sendo uma de São Luiz Gonzaga e uma de Sant’ Ana, inclusive foram feitas procissões para a padroeira, no entanto, posteriormente, foi descoberto que na verdade, havia apenas uma igreja, com honra a São Luiz Gonzaga. Mas, como a comunidade já comemorava a festa em honra aos dois santos, continuou-se festejando nas festas anuais, São Luiz e Sant’ Ana.

perdeu um pouco seu espaço para o lazer, simbolizado pelo almoço e o churrasco, já que atualmente a maior parte das pessoas que participa da comemoração vai somente para os festejos e não para a missa, “a maioria vem pra festa”<sup>40</sup>, tradição que, como os filós e a reza do terço, acaba por se perder ao longo do tempo. Entretanto, ao mesmo tempo que a festa em honra a São Luiz Gonzaga na comunidade foi crescendo e se tornando conhecida no interior de Bento Gonçalves, o almoço comemorativo foi ganhando um espaço bastante significativo, trazendo pessoas de diversas comunidades da cidade e também de outros municípios para a festa, propiciando um momento de celebração católica e diversão entre as famílias, como mencionado por Rosane Postal na passagem, “a nossa comunidade é pequena, mas ela se torna gigante nas festas [...] as pessoas trabalham, se envolvem na comunidade e as pessoas de fora adoram vir na comunidade, dizem que são bem servidos, que comem bem [...]”.

Todavia, mesmo a festa sendo um momento de comemoração e contando com uma maior participação das famílias na construção, isso é diminuto se comparado a antigamente, como Ivo Rosina pontua, “é poucos, é poucos, antigamente era bem mais unido, hoje já deixam meia dúzia, tem que se virar”. A diminuição da participação da comunidade nos eventos e na sociabilidade foram apontados pelos entrevistados por dois motivos, sendo eles a falta de tempo - analisado pela maior parte dos moradores - e o envolvimento das famílias com outras religiões que não a católica - essencialmente famílias moradoras das antigas casas do Batalhão Ferroviário que vieram posteriormente residir na localidade, não possuindo a crença católica -, apontado por Rosane Postal no trecho “[...] a religião fica em segundo plano na comunidade, muito pouca participação hoje, cada vez tá diminuindo muito e outras igrejas que acabam influenciando na vida das pessoas da comunidade.”

Salienta-se que a maior parte dos entrevistados são descendentes de imigrantes italianos católicos, fator determinante para suas visões acerca da comunidade atual comparada à antigamente, já que as suas famílias estão presentes na comunidade desde sua fundação, por isso a tradição é bastante latente. Bosi (1994, p. 54) afirma que “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”, o que não ocorre com os moradores das “Casinhas de Turma”, que mudam frequentemente e que muitas vezes não carregam uma memória forte da localidade, por não permanecerem na residência por muito tempo e por trazerem experiências, memórias e uma identidade distinta da observada em São Luiz das Antas. Assim, percebe-se que “[...] enquanto

---

<sup>40</sup> Entrevista de Ivo Rosina a Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS em 08 de março de 2020.

durante muito tempo certos membros da sociedade [...] eram reconhecidos como únicos portadores legítimos da memória e identidade coletiva, hoje, essa situação se modifica, e esses sujeitos perderam seu monopólio.” (CANDAUI, 2012, p. 194).

O aspecto da participação comunitária ligada à imigração pode da mesma forma ser observada quando se é pontuado quem são os principais agentes comunitários na localidade, sendo eles, na sua totalidade, membros de famílias originárias de São Luiz das Antas, já que “[...] a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades.” (CANDAUI, 2012, p. 140). As famílias italianas fundadoras da comunidade “vieram com uma carga religiosa muito grande”<sup>41</sup> e permearam essa tradição para seus descendentes, que atualmente são membros ativos na comunidade.

As memórias dos entrevistados são carregadas de saudade, e “muitas vezes manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de ‘velhos bons tempos’, o narrador faz uma crítica da sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro.” (CANDAUI, 2012, p. 89), exemplificadas em trechos como o de Luís José Greselle, “mudou tudo, uma vez tu ia pra missa, terço no domingo e tudo aberto, salão aberto, hoje não, tá tudo fechado, não tem mais nada, tinha campo de futebol [...] hoje virou um nada”. Maria Postal também lamenta: “agora, ultimamente, não se faz nem novena de natal e páscoa, nada, todo mundo acha que não tem mais tempo pra isso, antigamente era bonito [...] sinto falta” e complementa em outra passagem “já não tem mais salão aberto, que nem de anos atrás, abriam o salão todos os domingos pras pessoas participarem de jogos de carta, assim, de futebol e coisa [...] se perdeu tudo”. Dona Lourdes, quando perguntada sobre as missas atualmente diz que não tem “quase ninguém”, mas que antigamente “vinha, de fora, de lá pra lá, mas agora não”. Seu João Postal comenta sobre a falta de união hoje em dia, em que “um quer ter mais que o outro” e conta que “uma vez participavam todos né, hoje não, hoje algumas quantas famílias participam direto, as outras não [...] uma vez era bem diferente, hoje, hoje, cada um pra si.” Bosi (1994) comenta sobre a competitividade, essencialmente da geração mais nova, perante a geração mais velha, simbolizada, por exemplo, por Seu João.

Mas o comum dos aprendizes, quando a fonte doadora esgotou seus benefícios, volta-lhes as costas e busca outras fontes. Isto é humano, dirão, é a lei da superação da geração mais velha pela mais jovem. Ou será desumano, próprio de uma sociedade competitiva, onde já se perdeu o gosto inefável da individualidade de cada pessoa? (BOSI, 1994, p. 76)

---

<sup>41</sup> Entrevista de Rosane Maria Greselle Postal a Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 08 de fevereiro de 2020.

O sentimento de perda da vida comunitária é visto também por Rosane Postal, que atualmente vem sendo a principal figura representativa da comunidade, essencialmente no âmbito religioso e que esteve à frente da organização das festas de 100 anos e 120 anos da comunidade, realizadas, respectivamente, em 1999 e 2017. Ela conta, como mencionado anteriormente, que em 2017 a festa foi mais organizada e não teve muita adesão da comunidade como na festa de 100 anos. Dentre os documentos consultados para a pesquisa, o acesso ao cronograma festivo dos 120 anos da localidade comprova que havia eventos durante o ano todo, iniciando as comemorações em 2016 e finalizando no ano de 2017. Rosane Postal salienta, em dois trechos de sua entrevista, sobre a participação dos moradores: “Nesses 120 anos, a gente tinha feito um trabalho de um ano inteiro né, a gente teve na comunidade, missa com 3 padres, né, São Roque, Santo Antônio e o padre de Pinto Bandeira e não teve aquela participação que eu esperava.” E lembra que:

A gente teve a honra de ter representantes do Batalhão de Lages né, porque é muito difícil eles simplesmente com convite, eles chegarem a vir, a gente teve o comandante do Batalhão de Bento, a gente teve representante do prefeito, tinha autoridades e as pessoas (suspiro), não teve tanta participação.

O suspiro de Rosane ao falar das festividades demonstra o sentimento e ligação da narradora com a comunidade e com o evento. A história oral é essa mescla de sentimentos que afloram no entrevistado durante a conversa. Portelli (2016, p. 98) menciona que “a narrativa oral é renovada a cada contação, à medida que ela passa pelo corpo e pela mente do falante.”

Ainda sobre as duas festividades, Rosane Postal demonstra o quanto foram importantes para a história da comunidade, “A gente poder comemorar 120 anos da comunidade foi um auge na comunidade, já tínhamos comemorado os 100 anos, foi uma festa também muito bonita.”

Foi possível perceber o quanto a religiosidade permeia significativamente as áreas de festividades e lazer da comunidade, no entanto, outro elemento bastante presente na comunidade são os jogos de futebol, que nas memórias dos moradores e ex-moradores de São Luiz das Antas dividem opiniões entre os adeptos e os não adeptos do esporte. Luís José Greselle jogava em sua juventude e conta, com saudades, “Ah, naquela época era só jogá bola [...] todos os domingos [...] campeonato não, jogava mais era torneio, coisa assim [...] ah vinha, aquilo ali era uma festa fim de semana, era uma festa, jogo de futebol era uma festa [...] todo mundo se envolvia, mas era bom, bah, quando era piazinho [...] era o batalhão, jogava, tinha uma turma que jogava ali, meu Deus do céu, era uma seleção brasileira.”

Outros entrevistados contaram suas memórias sobre o time de São Luiz, que existiu durante o tempo do batalhão e depois de sua saída da localidade, mantendo-se até meados dos anos 2000, quando por inúmeros motivos de diferentes integrantes foi acabando e hoje permanecem as lembranças, memórias essas fortes e compartilhadas por todos os entrevistados, praticantes ou não do esporte. Todos salientaram que a comunidade se movimentava para esses momentos. Candau (2012, p. 86) classificaria o futebol como uma memória longa e explica que esse tipo de memória, “própria de uma coletividade, revela memórias fortes, pois organiza de maneira estável a representação que um grupo faz de si mesmo, de sua história e de seu destino.”

Nos trechos citados a seguir, é possível perceber a movimentação e uma memória alegre sobre esses momentos, “era bom naquela época, vinha os cara de fora jogar e coisa, o cara saía também, hoje morreu tudo, tá tudo apagado.”<sup>42</sup>, “era tudo reunido, todo mundo participava, [...] faziam viagens pra fora, eles foram até Santa Catarina uma vez jogá bola lá, [...] fizeram campeonato de, não me lembro que campeonato que era, mas fizeram campeonato, ficaram em segundo lugar né, no município. [...] Tinha a torcida que ia junto [...]”<sup>43</sup>. Ivo Rosina fala que nunca jogou, mas que participava, “eu nunca cheguei a jogá bola, eu vinha assisti na verdade o jogo, na verdade teve uma época que eu fiquei sócio né, mas jogá, nunca joguei.”. Já Rosane Postal relata que o esporte foi importante principalmente na sua adolescência:

Pra nós, que na época não existia nada, eu criança, sete, oito anos, assistir os campeonatos era o máximo né, a gente fazia torcida, a gente, depois com o passar do tempo né, adolescência, a torcida era ainda maior né, daí a gente já tinha crescido, vinha pessoas de fora né, nos campeonatos, a gente ia também muito nos campeonatos fora da comunidade, de embarcar em cima de um caminhão e ir todo mundo que iam joga bola né, até que tivemos o time de futebol feminino né, que não durou muito tempo, mas acho que foi até uma experiência legal né [...] a gente se divertia [...] eu acho que foi um momento mais marcante na minha adolescência.

Todavia, como colocado nos parágrafos acima, não eram todos os moradores que apreciavam o futebol e quando questionadas sobre os jogos, as entrevistadas afirmam que lembram, mas “ah eu não sei porque eu não gosto de jogo”<sup>44</sup>, “eu nunca fui assisti o jogo, eu nunca gostei”<sup>45</sup>. Lucina Faé lembra que “lá de casa também ninguém jogava”, pontuando um

<sup>42</sup> Entrevista de João Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>43</sup> Entrevista de Maria de Lourdes Nólío Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>44</sup> Entrevista de Odila Calza de Lima à Sabrina de Lima Greselle, realizada na cidade de Bento Gonçalves - RS, em 04 de março de 2020.

<sup>45</sup> Entrevista de Lourdes Maria Pelizzari à Sabrina de Lima Greselle, realizada na comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS em 01 de março de 2020.

distanciamento com o esporte, o que se difere das entrevistadas dos trechos anteriores, em que os filhos estavam bastante envolvidos com o esporte, como quando Odila fala sobre sua filha, que participava do time feminino, assim como Rosane Postal, “às vezes ela ia lá fazer folia lá no campo, mas eu não gostava”.

As narrativas possibilitaram a observação acerca do futebol, que foi presente significativamente na comunidade, no entanto dividia opiniões sobre a sua presença, tendo significados distintos para cada membro na sociedade, assim como Portelli (2016, p. 43) menciona: “A história oral lida com histórias, e as histórias não podem ser reduzidas a um significado único.”

O lazer, a religiosidade e as festividades andam lado a lado dentro de São Luiz das Antas e essa memória, baseada nas tradições, essencialmente dos imigrantes italianos, marcam parte da identidade cultural do lugar, embora não sejam compartilhadas pela totalidade dos moradores, como foi discutido nesse subtítulo.

### 3.2 “A GENTE SE DESDOBRAVA, FAZIA LIGEIRO EM CASA, PRA DEPOIS [...] PARTICIPAR”: O TRABALHO, A FAMÍLIA E O PAPEL DA MULHER

Em uma típica região colonizada por imigrantes, que são essencialmente italianos, a religiosidade, que se mostrou uma base forte para a estrutura identitária de São Luiz das Antas, e o trabalho, que é o tema deste subtítulo, andam paralelamente. O trabalho também é elemento da constituição da identidade da localidade.

Sobre o tipo de trabalho, o imigrante “tem na agricultura a sua primeira forma de trabalho, trabalhar na terra para dela tirar o sustento da família, e o excedente poder comercializar com as outras regiões de imigrantes, e dar início assim a um precário comércio”. (CAPRARA e LUCHESE, 2005, p. 178).

Conforme os relatos obtidos para a pesquisa, pode-se observar que a prática da agricultura de subsistência foi, no início da formação da comunidade, a principal forma de trabalho dos moradores, como é possível perceber no trecho de Rosane Postal,

eu digo que é tão, tem histórias muito interessantes porque eles plantavam um pouquinho de cada coisa, se plantava o milho para fazer a farinha de milho, se plantava o trigo pra e era muito troca, as pessoas não tinham muito, elas plantavam pra se manter, elas não plantavam pra venda né, era aquele consumo próprio, o que sobrava era vendido.

Como mencionado por Rosane, alguns dos excedentes eram vendidos, essencialmente para cooperativas da região, como a do Passo Velho.

Postal menciona o milho e o trigo como alguns dos principais produtos cultivados. Caprara e Luchese (2001, p. 36) salientam que “destaca-se o cultivo de trigo, feijão, milho, arroz, batata doce, parreirais, mamão (década de 70), cana-de-açúcar, frutas (laranja, bergamota, pêsego, ameixa), entre outros [...]”. Esses produtos são mencionados por outros entrevistados, como é possível de perceber nas passagens “antigamente era trigo, feijão e milho”<sup>46</sup>, “antigamente era parreira”<sup>47</sup> e “nós plantava milho, feijão e tinha cana-de-açúcar, fazia, fazia cachaça, tinha parreira, tinha parreirais”<sup>48</sup>. Esses cultivos também se constituem em elementos da identidade do lugar em uma determinada época de sua história, já que as plantações são práticas comuns entre indivíduos da localidade. Nesse sentido, cita-se que em regiões de colonização essencialmente italiana, como é o caso de São Luiz, a uva torna-se uma das principais características de cultivo, distinguindo-se de outras regiões onde não houve colonização dessa etnia, por exemplo.

Um aspecto relacionado ao trabalho bastante observado durante as entrevistas, sendo uma memória compartilhada por alguns dos moradores, é a utilização de um moinho, localizado no Passo Velho, para moer o milho. Esse lugar está nas memórias de ao menos três entrevistados, Maria Postal, João Postal e Odila Calza de Lima. Maria Postal, que é esposa de Seu João Postal, conta que “O milho era pra consumo, dos animais né, daí ia no moinho pra fazer a farinha [...] na Cooperativa do Passo Velho”. Odila, quando relembra uma história engraçada com uma égua velha que sua família tinha, fala de episódios em que “ia também no moinho, lá no Passo Velho com aquela égua, moer o milho lá embaixo também”.

O moinho do Passo Velho é um lugar comum aos moradores que se dirigiam para moer o milho, no entanto, essa ação diz respeito a cada família, à história individual de cada morador e nem todas as famílias tinham esse costume. Sendo assim, algumas memórias individuais se mesclam com memórias compartilhadas pelo grupo, constituindo uma “focalização cultural e homogeneização parcial das representações do passado, processo que permite supor um compartilhamento da memória em proporções maiores ou menores.” (CANDAUI, 2012, p. 46).

---

<sup>46</sup> Entrevista de João Postal à Sabrina de Lima Greselle, realizada na Comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 11 de janeiro de 2020.

<sup>47</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na Comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2020.

<sup>48</sup> Entrevista de Lucina Maria Parisi Faé à Sabrina de Lima Greselle, realizada na cidade de Veranópolis - RS, em 25 de janeiro de 2020.

Durante o período da presença do Batalhão Ferroviário na comunidade, João Postal e Ivo Rosina comentam que suas famílias vendiam produtos para os militares, como na fala de Ivo:

Que eu me alembro eu, tinha as tenda ali na ponte que comprava, as tendinha ali, o meu pai falava do tempo dele, eu não cheguei nesse tempo porque eu era mais novo, mas meu pai vendia no tempo do batalhão aqui, ele vendia bastante coisa ali pro pessoal do batalhão [...] eles faziam rancho né, eles tinham que fazer comida né, que nem feijão e batata eles compravam [...] queijo, leite, ele vendia aqui.

Com o passar do tempo, entretanto, a prática agrícola mudou um pouco o foco da produção, na comunidade de São Luiz, e aqueles produtos antes cultivados deram lugar a outros, além disso, nem todas as famílias residentes na comunidade são famílias agricultoras, como Rosane Postal menciona em sua entrevista:

Hoje tem ainda algum, tem famílias que vivem da agricultura, verduras e frutas, levam para fora, pra outros municípios, a feira livre, mercados e fruteiras também da cidade e algumas pessoas saem da comunidade e vão trabalhar no centro ou até no Distrito de Tuiuty e depois retornam.

Analisando a mudança na estrutura econômica da comunidade, de acordo com a memória de seus moradores, percebe-se que a prática da subsistência ainda existe, como mencionado por João Postal, “agora o que se tem se vende, isso aí o cara já não planta mais, só planta o milho pro gasto [...] não se planta mais essas coisas, o trigo e o feijão, o feijão só pro gasto de casa”. Entretanto, a maior parte das plantações possuem o intuito da venda, seja em feiras, mercados e fruteiras, como colocado por Rosane Postal, ou em outras famílias, como a de Luís José Greselle, para tendas do distrito de Tuiuty. Dentre os entrevistados que permanecem na agricultura, como é o caso de Maria e João Postal, Luís José Greselle, Ivo Rosina e Rosane Postal, há diferença nas plantações, demonstrando uma heterogeneidade da produção econômica de São Luiz. Maria, João e Rosane, plantam, essencialmente, verduras e algumas frutas; já Ivo Rosina e Luís José Greselle tem um foco maior nas fruteiras. Além disso, o destino da produção, como visto anteriormente, se difere, já que o primeiro grupo tem a escoação da produção principalmente em feiras livres e o segundo grupo permanece vendendo para tendas da região.

É significativo lembrar que nem todos os moradores de São Luiz das Antas, atualmente, trabalham exclusivamente como agricultores, em suas propriedades. A maior parte dos moradores das casas do antigo Batalhão Ferroviário, como apontado anteriormente, mudam

frequentemente, e tem como sustento de suas famílias os trabalhos nas tendas das regiões, que atendem grande quantidade de turistas, bem como o trabalho nas terras das famílias agricultoras.

Aspecto importante ligado ao trabalho na agricultura das pessoas entrevistadas para a pesquisa, bem como pode ser observado comumente nas regiões de imigração italiana, é a importância da família para a lida na roça. Inicialmente, para essa análise, será abordado um elemento base para a constituição da família: a mulher. Observou-se nas entrevistas que as mulheres que pertencem a famílias imigrantes, em sua maior parte, não são naturais de São Luiz das Antas, mas sim de outras localidades. Com o casamento, passam a morar na casa dos sogros, na comunidade abordada no estudo. São os casos, por exemplo, de Vitória Greselle, natural da Linha Eulália, em Bento Gonçalves; Maria Postal, natural de Veranópolis; Lucina Faé, natural de Veranópolis e Thereza Faé, cuja família residia na Linha Rosário, próxima a São Luiz.

Lucina Faé conta sobre seu casamento: “Casei aqui (Veranópolis) e fui fazer a festa lá, casei na matriz [...] é foi almoço lá, foi um almoço, não era muita gente, mas foi os mais, a família e mais alguns amigos [...] de carro, era um jipe, acho que era né, naquela época, um jipão”. Thereza Faé relembra um episódio marcante de quando casou:

O meu casamento foi a cavalo, saí de São Luiz foi a Tuiuty, padre Ernesto Sbrissa que fez meu casamento, pensa só, porque não tinha estrada naquela época, ninguém tinha carro, nem de carroça, era aquela estradinha estreitinha assim, a pé ou a cavalo. Subimos o morro, chegamo na igreja, tinha mais um casamento, tinha vários aquele dia, e depois saímos, descemos o morro e descendo o morro, como eu tava de véu e grinalda, naquela época vestia de branco, de noiva né. Tchó, chegamos em cima de um lugar, a estrada fechada, alto né, só a gente passava embaixo, e o que aconteceu, o meu véu engato num espinheiro, tchó, o véu pego num espinho e ficou lá, e o cavalo ia né, ali, não sei quem que gritou ‘olha teu véu que tá pregado no espinho’ [...] sim, rasgo [...] então um disse assim, ‘não, deixa que rasgue, que é sorte do casamento’.

Contando mais sobre seu casamento, dona Thereza diz: “Sim, na igreja de Tuiuty, sim a gente chegava lá, o padre já estava lá esperando com os convidados, tinha que ter quatro padrinho, pra fazer o casamento, as testemunha né e depois os convidado [...] eu, fazia um ano que tinha falecido o pai dele, não foi feito festa”.

Para cada uma das mulheres da pesquisa, o casamento possui um significado único, transpassado em suas lembranças. Portelli (2016, p. 18) fala que “o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam um significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem”.

Após o casamento, era bastante comum que as mulheres também virassem agricultoras e auxiliassem o marido e os sogros nas plantações, além do trabalho doméstico, que comumente

a sogra destinava à nora<sup>49</sup>. Dentre as moradoras e ex-moradoras de São Luiz que participaram da pesquisa, de sete mulheres, seis delas foram em algum momento ou em toda a sua vida agricultoras. A única exceção é Thereza Faé, que foi professora, outra profissão, que dentre as famílias que continham melhores padrões de vida, era uma opção bastante comum, assim como a vida religiosa. Thereza conta sobre como quis ser professora:

A minha, no começo, era agricultora, na casa dos meus pais e depois, quando tinha 14, 14 anos eu decidi estudar, que eu queria ser profe e o meu pai aceitou [...] estudei 3 anos de magistério, fiquei aprovada e quando fiquei [...] nomeada como profe estagiária, no começo, 2 anos, estagiária, depois então fui nomeada como profe mesmo né, efetiva.

As outras entrevistadas, pertencentes ou não a famílias imigrantes, eram agricultoras e donas de casa. Das seis moradoras, três vieram a São Luiz depois do casamento, quando casaram com algum membro de alguma família originária da localidade, sendo elas: Lucina Faé, Vitória Greselle e Maria Postal. Rosane Postal é filha de família já residente em São Luiz e se casou com membro de outra família da comunidade. Odila de Lima e Lourdes Pelizzari vieram morar em São Luiz por outros motivos e residiam nas “Casinhas de Turma”. Todas elas trabalharam na lavoura das famílias ou de outras famílias durante a vida e assim os serviços domésticos acabavam ficando para serem feitos posteriormente, em uma dupla jornada feminina. Maria Postal fala em sua entrevista que “ia direto, direto também, os da casa, bem dizer eu fazia todo o serviço era à noite, era à noite [...] o dia que tu fazia o pão, sim, tu fazia durante o dia, mas que nem massa, queijo, essas coisas, antigamente fazia a noite né, pra deixar pronto para o outro dia.”

O domingo, essencialmente à tarde, era o momento de lazer e religiosidade, havia a reza do terço, como mencionado anteriormente e, depois disso, era comum que os homens fossem ao salão jogar carta e beber. As mulheres, algumas vezes acompanhavam os maridos, no entanto não era permitido a elas permanecerem muito tempo, tendo restrições. Lucina Faé lembra que “no fim da tarde jogavam carta, [...] as mulheres só conversavam, botar o papo em dia e ir pra casa” e Maria Postal também relembra, “já não tem mais o salão aberto [...] as mulheres também que ia pra missa, ia que nem suponho, tomar um refri, as crianças comer umas bala [...] agora não tem mais nada”.

Esse papel, possível de perceber nas citações acima, de mulheres agricultoras e trabalhadoras, no entanto, com jornada dupla e restrições quanto a lazer e religiosidade, é um

---

<sup>49</sup>Ver SCARTON, Marciele Bertoldi; TOMASI, Fernanda. **Mulheres do Interior**. Bento Gonçalves: Fernanda Tomasi, 2013.

reflexo presente não só em regiões coloniais italianas, mas sim uma característica de uma sociedade patriarcal encontrada em diferentes partes do mundo e que, infelizmente, ainda se luta para a erradicação dessa cultura. Os estudos sobre a questão de gênero e mulher vêm ganhando significativo enfoque a partir da metade do século XX. No entanto, por muito tempo, o feminino pouco se fez objeto de estudo de historiadores e pesquisadores da área. Joan Scott (1995, p. 86) coloca o gênero como “uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Relações que são não só familiares, mas também sociais, com a construção de uma cultura sobre o que é papel da mulher e o que cabe aos homens nos meios público e privado.

Como foi possível perceber, a vida comunitária era um elemento importante para os moradores de São Luiz das Antas, e o trabalho, outra base importante da formação da identidade cultural da comunidade. Sendo assim, era necessário um equilíbrio entre a vida privada e a vida pública desses moradores. Maria Postal relata que para dar conta das duas coisas “a gente se desdobrava, fazia ligeiro em casa, pra depois [...] participar”. Já Ivo Rosina menciona a falta de tempo encontrado na atualidade para a vida em comunidade, fator apontado em muitas das entrevistas, “antigamente, que nem eu te falei, ‘vamo lá em tal lugar fazer um filó lá’, sei lá eu se não tinha o que fazer, mas eles iam [...] hoje tu me pede pra ir lá na tua casa te visitar por exemplo, num fim de semana, não tenho tempo”.

Por fim, percebe-se que essa cultura de trabalho está enraizada dentro da comunidade de São Luiz, carregando uma identidade de ‘cidadão honesto e trabalhador’ para os agricultores da região, com uma identidade própria e até um certo distanciamento desses com a população vinda posteriormente para a residência nas casas do antigo batalhão ferroviário, como se esses, de certa forma, não pertencessem ao grupo. Como análise desse distanciamento, percebe-se o trabalho como motivo de orgulho e significado aos imigrantes, e a ideia de que “a condição subalterna de outros grupos se deve a sua pouca dedicação ao trabalho.” (WEBER, 2004, p. 9). Junto a isso, a fixação desses descendentes de imigrantes ocorreu muito tempo antes do que a leva mais recente de moradores das antigas casas do Batalhão Ferroviário - que mudam frequentemente -, causando nos primeiros, de certa forma, uma visão de que são “superiores” em relação ao segundo grupo<sup>50</sup>, que pode ser observada, por exemplo em falas como “os da vila” ou “lá na vila”.

---

<sup>50</sup> Ver ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

### 3.3 “NAQUELA ÉPOCA NÃO TINHA PROBLEMA [...] ERA UMA ÉPOCA BOA”: ASPECTOS GERAIS DA SOCIABILIDADE EM SÃO LUIZ DAS ANTAS

Na última seção deste capítulo, serão analisados aspectos gerais de São Luiz das Antas com o passar do tempo e a visão dos moradores da localidade em relação a essas mudanças, já que entre os entrevistados pertencentes às famílias imigrantes foi possível observar que, em sua totalidade, os moradores que participaram não são a primeira geração da família que reside no local, tendo avós ou até mesmo bisavós que vieram da Itália e fixaram moradia na comunidade.

Quando questionados sobre as mudanças ocorridas na comunidade, os apontamentos referem-se ao sentido material e de infraestrutura da comunidade como o transporte, a vinda da luz elétrica e a melhoria das moradias, mas também à questão da mudança social ocorrida na comunidade.

Os meios de transportes foram bastante apontados nas conversas, os moradores, em sua totalidade, lembram da dificuldade existente antes da vinda do carro, por exemplo. Três dos entrevistados lembram do primeiro automóvel, pertencente a Aldo Greselle (Figura 5), que os entrevistados colocaram sendo uma “rural”. Luiz José Greselle conta sobre a caminhonete do seu pai: “que eu me alembro eu, carro, cara, na minha época tinha muito pouco, nem existia carro, acho que não tinha ninguém, acho que a primeira caminhonete quem comprou aqui, de colono, foi o pai ainda”. O restante dos moradores se locomovia a cavalo, carroças ou então a pé, como conta Maria Postal, “tudo a cavalo ou a pé, ia até a ponte a pé”.

Figura 5 - Aldo Greselle e família em frente a caminhonete - primeiro automóvel da comunidade São Luiz das Antas (1970)



Fonte: Acervo pessoal - Rosane Maria Greselle Postal

Analisa-se, na fotografia, o orgulho da compra do automóvel, uma vez que a família inteira posa em frente à caminhonete para o registro, bastante significativo, para o meio privado (a família) e para o meio público (comunidade), como foi possível perceber a partir dos relatos.

Com o tempo e, principalmente, com a vinda do 1º Batalhão Ferroviário, houve grandes mudanças, tanto no setor dos transportes como em outros setores da comunidade, como é o exemplo das estradas, também apontadas por Maria Postal: “principalmente as estradas, mudaram bastante, [...] as estradas são melhores né, agora, mais, mais alargadas porque tem mais movimento [...] antigamente era bem mais estreitinha né”. João Postal lembra que “as estradas ainda tão um pouquinho melhor, porque uma vez se arrumava uma vez por ano e era os próprios agricultores que arrumavam”. Aponta-se aqui o 1º Batalhão Ferroviário como símbolo de um maior “progresso e desenvolvimento” da comunidade, pois antes dessa presença, nas falas de Luís José Greselle, “é São Luiz, por exemplo ali onde tem o campo era um morro, não era, aí cavocaram, aplainaram todo o morro, aí onde tem as casas era tudo morro, diz que o pai, diz que descia ali era morrinho” e com a vinda do batalhão “mudou tudo, mudou tudo”<sup>51</sup>, afirmando, assim, que o Batalhão trouxe mudanças significativas para a localidade no período

---

<sup>51</sup> Entrevista de Luís José Greselle à Sabrina de Lima Greselle, realizada na Comunidade de São Luiz das Antas, Bento Gonçalves - RS, em 26 de outubro de 2020.

em que esteve presente, no que diz respeito à infraestrutura. No entanto, não alterou de forma expressiva a rotina dos antigos moradores da comunidade.

Além das estruturas públicas, como as estradas e até mesmo os meios de transporte, a estrutura da casa das famílias também sofreu alterações positivas, como mencionado por João Postal: “a casa, essa não tem dúvida que ‘miorou’ [melhorou] né”. Salienta-se que a casa é um elemento importante presente dentro da cultura da imigração italiana, já que se desenvolve distintamente conforme o período e o contexto histórico presenciado, se remodelando conforme o passar dos anos. Hoje, são essas construções as principais fontes de memória e preservação da colonização na região, constituindo, no caso de Bento Gonçalves, o patrimônio edificado do município, atualmente, um dos principais atrativos turísticos da região. Bertoco (2008) diz que “os roteiros e atrativos turísticos oferecidos no município e na região, [...] estão relacionados à intenção de preservar e valorizar a cultura, tradições e o patrimônio histórico regional”.<sup>52</sup>

Percebe-se nas abordagens acima que as memórias, embora se relacionem, não são em sua totalidade compartilhadas. A partir disso, Halbwachs (1990, p. 51) afirma “[...] que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os meios”. Dessa forma, a memória do primeiro automóvel, bem como as melhorias de estradas e casas, se difere de acordo com o sujeito que os menciona, até mesmo porque o impacto dessas mudanças se difere para cada um dos moradores de São Luiz das Antas.

A escola constitui outro ponto interessante sobre a relação comunitária de São Luiz das Antas, como mencionado no capítulo “*Tinha a escola, a torre pertinho e a igreja*”: *marcas dos primeiros tempos da comunidade de São Luiz*. Participou da pesquisa Dona Thereza, que foi docente na comunidade por cerca de 30 anos e que mostrou com orgulho o certificado que ganhou da prefeitura em decorrência do grande período de docência no município (Ver Figura 6).

---

<sup>52</sup> Bertoco (2008) *apud* Bertoco (2013, p. 2)

Figura 6 - Portaria de Louvor Thereza Cagol Faé (1984)



Fonte: Acervo pessoal - Thereza Maria Cagol Faé

Além das memórias evocadas anteriormente sobre a primeira escola da comunidade, Thereza relembra também da construção do novo prédio escolar (que funcionou até meados de 1990):

[...] depois veio morar as famílias, sargentos, subtenentes, ali amontou as crianças, sabe, entre o grupo deles e aqueles da linha de ferro, quantas crianças tinha naquela época? Sessenta e cinco criança, [...] foram aumentando, aumentando e aí o colégio se tornou, ali, não cabia. Ali, como a linha de ferro passava bem na frente do colégio, distante o que, uns trinta metros mais ou menos, [...] então resolveram indenizá, tirar esse colégio de madeira e construir aquele de material [...] construíram aquele enorme daquele colégio lá. Lá cabia, coube sessenta e cinco criança dentro, ali o batalhão deu tudo, não faltava nada, tinha cozinha, três banheiros, três sala de aula, [...] aí me deram mais duas ajudantes [...]

Além de Dona Thereza, que foi professora, Rosane Postal, que foi aluna da escola, relembra o tempo de infância, quando estudava na escola construída pelos militares:

Eu fiz até a 5ª série, na época, aqui, hã, eu digo que teve, desde a 1ª série até o 5º ano, teve um pouco de tudo, vários professores [...] me lembro muito da minha 1ª série [...] professor era algo que a gente meio que idolatrava assim [...] a escola também foi construída pelo batalhão, então quando ele desmanchou a igreja de madeira, ele também desmanchou a escola e fez uma escola maior, com uma estrutura maior, com três, quatro, três banheiros, cozinha [...] aí era o máximo, a gente tinha o filtro de barro [...]

As lembranças dessas duas entrevistadas demonstram como a construção da escola foi uma das ações do 1º Batalhão Ferroviário que mais marcou na comunidade, uma vez que ela permaneceu em atividade mesmo após a saída dos militares da comunidade, até os anos 1990, como foi assinalado, em entrevista, por Rosane Postal. A maior parte dos moradores teve filhos ou então eles próprios estudaram na escola construída pelo Batalhão, aspecto que faz com que a memória seja compartilhada, de alguma forma, entre a comunidade. Outros entrevistados, como Ivo Rosina, também apontaram suas vivências na escola. Segundo Candau (2012, p. 47), “uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças”.

O espaço comunitário é sempre mantido e organizado por um grupo de moradores locais, nas regiões interioranas. É comum que esse grupo também esteja à frente da Igreja, do salão e na organização de eventos, isso acontece em São Luiz das Antas, porque nesse lugar o espaço comunitário existe essencialmente através do espaço religioso. Ao passo disso, foi observado, como antes apontado, que grande parte dos moradores e ex-moradores entrevistados fizeram parte da diretoria da comunidade ou auxiliaram na organização de eventos. Entretanto, aqui destacam-se duas personalidades femininas que são marcantes na história da comunidade. São elas Thereza Maria Cagol Faé (Dona Thereza) e Rosane Maria Greselle Postal.

Dona Thereza, além de professora na comunidade, ajudava também em outros momentos comunitários, já que foi professora de canto, presidente da comunidade, ajudante do padre durante as missas, o que ela lembra com nostalgia:

eu nas missas, muitíssimas vezes ajudava o padre, senão ele tinha o sacristão, naquela época, tinha um menino preparado, o padre rezava a missa e o menino do lado, ele dava a resposta pro padre, mas depois, com o tempo, foi deixando [...] então muitas vezes o padre me pedia pra mim ajudar ele, é, [...] muitas vezes eu ajudava o padre a rezar missa, porque, claro, eles pegavam as pessoas que tinha mais sabedoria, digo eu né.

Além disso, organizava reuniões dos moradores e era catequista. Segundo a própria Dona Thereza, “não sei te dizer o que que eu não fui”, se referindo a sua participação na comunidade de São Luiz.

E Rosane, que foi catequizanda de Dona Thereza, conta:

eu comecei com nove anos, o dia que eu completei nove anos eu ajudei a fazer as preces na comunidade e depois desse dia, assim, foi uma coisa que eu fui, acabei me envolvendo, antes eu até ia em algumas reuniões, algum curso, por companhia, mas com meus nove anos eu comecei a me envolver na liturgia, na catequese, eu já tinha, montei grupo de jovens na comunidade, trabalhei com crianças menores, que não tavam na idade da catequese, [...] já passam dos trinta anos que eu dou catequese.

Rosane hoje possui um acervo acerca da comunidade de São Luiz das Antas, contendo fotografias, documentos e livros de todo o período que contempla a história da comunidade. Parte deste acervo foi utilizado no desenvolvimento dessa pesquisa. Em conversa antes da realização da entrevista, contou sobre o fato de que, quando era mais jovem, possuía a vontade de montar um Museu em São Luiz das Antas, e passou a percorrer as casas perguntando quem tinha objetos, fotos e documentos que poderiam doar.

Sobre essas confissões que acontecem antes ou depois das gravações das entrevistas, Bosi (1994, p. 39) comenta que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”.

Outras tantas são as memórias dos moradores entrevistados nessa pesquisa. Para finalizar, será então abordado mais acerca das memórias individuais, contadas pelos narradores, já que, como afirma Candau (2012, p. 61), “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido”. Dessa forma, aqui serão citadas e relacionadas passagens que não correspondem somente à memória coletiva de São Luiz, mas também são lembranças que ocorreram no privado, em casa, no pátio, como quando Seu João Postal fala que “a única coisa era o, a brincadeira de criança né, porque de resto não tinha quase nada” ou então quando Rosane Postal conta sobre a importância da comunidade para ela, desde que era pequena, quando questionada sobre memórias marcantes, “eu acho, das festas assim, mais antigas assim, da minha época de criança, eu acorda cedo, ir com a mãe trabalhar na cozinha, com cinco, seis anos, ajudar a descascar batata, levanta quatro horas da manhã [...] ajudar desde que nasceu, praticamente, na comunidade”.

Esse jogo da memória se faz presente entre o que é lembrado e o que é esquecido, além do que é verbalizado e o que não é falado. Sendo a memória, bem como a identidade, uma representação. Segundo Candau (2012, p. 21), “as noções de ‘identidade’ e ‘memória’ são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo *representações* um *conceito* operatório no campo das Ciências Humanas e Sociais, referindo-se a um *estado* em relação à primeira e a uma *faculdade* em relação à segunda”, desta forma, a memória do acontecimento não é o acontecimento, mas sim uma reprodução com elementos e interferências do tempo em que é verbalizada, nesse sentido, “as falhas da memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente”. (CANDAU, 2012, p. 63)

Refletindo sobre isso, cita-se a passagem em que Thereza Faé conta sobre a segurança em sair de casa antigamente:

naquela época não tinha problema, tu ia atravessar montanha que não, tu não ia encontrar, só, só se via algum bichinho feroz, não tinha, era, tu podia viajar dia e noite que não, era tudo calmo, era uma época boa, divertida, digo eu, hoje já não se pode nem sair das portas [...] que tá um perigo.

É perceptível que ao falar sobre suas lembranças, com a percepção do presente, Dona Thereza salienta o quanto era seguro sair a cavalo, sem amedrontar-se com perigos, algo que atualmente, segundo ela, não é possível. Candau (2012) comenta sobre isso afirmando que “a lembrança é, portanto, algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem (*imago mundi*), mas que age sobre o acontecimento (*anima mundi*), não integrando a duração e acrescentando o futuro do passado” (p. 66-67). Segundo Halbwachs (1990, p. 71), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Seu João Greselle, em suas lembranças, também conta sobre a locomoção, nos tempos em que namorava Dona Vitória, quando fala: “eu de lá (São Luiz) pra ir na Eulália, quando eu (...) a pé Gringa<sup>53</sup>, a piê<sup>54</sup>”. Odila Calza, em suas memórias, conta de episódios engraçados durante o tempo em que morou em São Luiz, como no trecho:

nós ia lá pra, pro Passo Velho, levar o milho né, e nós pegamo, pedimo emprestado um cavalo velho do Nico né, um amigo nosso dali de São Luiz, daí, aquele cavalo velho não dava pra embarcar, só a moagem, o milho em cima né, e aquele cavalo só puxado, ia, demoremo um dia pra volta de volta, parando, descansando pela estrada, o cavalo não andava muito.

No entanto, quando questionada sobre as companhias no episódio, já que na narrativa utiliza o pronome “nós”, não consegue nomear os envolvidos, estando presente na fala a dinâmica do esquecimento de algumas memórias.

Candau (2012) aponta que “de uma maneira geral, o ‘otimismo memorial’ prevalece sobre o pessimismo” (p. 74), de modo que as memórias evocadas são em sua maioria lembranças boas sobre a vida, fazendo, o narrador, uma seleção dos acontecimentos e não

<sup>53</sup> A entrevista de João Batista Greselle e Vitória Greselle, ocorrida em Bento Gonçalves, no dia 05 de fevereiro de 2020, contou com a presença de Teresinha Greselle Longo, sobrinha dos entrevistados, para que auxiliasse na comunicação. Teresinha tem como apelido “Gringa”.

<sup>54</sup> Utilização de dialeto pelo entrevistado (português-italiano).

verbalizando a totalidade dos acontecimentos. Para exemplificar essa ideia, observa-se, por exemplo, as falas de Dona Thereza sobre os seus alunos na época em que lecionava: “olha, eu não posso te dizer se alguma dessas crianças brigou uma com a outra, se tiveram alguma briguinha, nada, nada, por isso que eu digo, era tudo santinho”.

A identidade cultural de São Luiz das Antas se manifesta em diferentes aspectos da vida em comunidade, seja no filó e no terço de antigamente, no futebol ou então nas relações entre diferentes moradores ao longo do tempo. Dessa maneira, a identidade cultural, vem se constituindo a partir das memórias compartilhadas, das formas e visões de mundo e de momentos importantes e significativos dentro da memória e narrativa de seus moradores. É sempre necessário salientar que a identidade não é imóvel, uma vez que a sociedade também não é. Dessa forma, assim como a História, a identidade se constrói permanentemente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“antigamente, que nem eu te falei, ‘vamo lá em tal lugar fazer um filó lá’, sei lá eu se não tinha o que fazer, mas eles iam [...] hoje tu me pede pra ir lá na tua casa te visitar por exemplo, num fim de semana, não tenho tempo”.*

**Ivo Rosina, 53 anos, 2020**

A comunidade de São Luiz das Antas ainda muito tem a contar sobre sua história para a sociedade, sendo assim, salienta-se que este estudo não busca, de nenhuma maneira, esgotar as possibilidades de pesquisa do tema. Inclusive, muito tem-se a discutir sobre a presença do 1º Batalhão Ferroviário na comunidade e sobre a área patrimonial, a citar exemplos.

Outro fator que se destaca neste fim de pesquisa é a forma como a pandemia que o mundo vivencia hoje (COVID-19) impactou diretamente no estudo de campo para o desenvolvimento do trabalho. Adaptações foram feitas, novas perspectivas analisadas e fontes deixaram de ser incorporadas. No entanto, felizmente a pesquisa pôde ser concluída satisfatoriamente. Além disso, muito foi possível refletir sobre a importância da memória, essencialmente ao pensar nas principais vítimas da pandemia.

Aqui busca-se, em síntese, analisar os resultados obtidos a partir da presente pesquisa, que teve como principal foco analisar como o uso da história oral pode contribuir para a construção da identidade cultural na comunidade de São Luiz das Antas.

No início do estudo, tinha-se a expectativa de que a presença do Batalhão Ferroviário fosse um dos principais aspectos que seria abordado e apontado durante as entrevistas com os moradores e ex-moradores de São Luiz. Entretanto, percebeu-se que, na realidade, essa presença não alterou significativamente o cotidiano ou as memórias dos entrevistados. A estada do exército é reconhecida pelos entrevistados e em alguns pontos, também valorizada, quando se menciona a construção da escola e da igreja. Sua abordagem aparece em todas as entrevistas, mas não há destaque para o tema. Há de ser analisado que nem todos os moradores entrevistados eram nascidos no período ou então eram pequenos quando o Batalhão saiu da comunidade, e que os trabalhadores e militares não permaneceram na localidade após a construção do ramal ferroviário, o que explica, em parte, a falta de aproximação da comunidade com esse período da história.

Foi possível notar, de forma bastante evidente, a importância da religião, essencialmente católica, dentro da comunidade objeto do estudo, uma vez que em todas as conversas o fator

religioso foi sempre bastante mencionado e até mesmo associado fortemente ao convívio social, fortalecendo, dessa forma, a identidade local, por ser uma tradição compartilhada por grande parte dos moradores. Esse fator está estritamente ligado à imigração ocorrida entre o final do século XIX e início de século XX na região, já que os italianos (principal etnia a ocupar São Luiz) possuíam uma crença religiosa na fé católica bastante significativa.

O fator da religiosidade, como antes assinalado, muito está ligado à sociabilidade dos moradores, já que tanto antigamente como na atualidade, esses são os principais momentos em que ocorre o convívio social na comunidade. Dessa forma, foram salientados, durante as entrevistas, a reza do terço, o filó, as missas e festas em honra a padroeiros como momentos em que os vizinhos compartilhavam as histórias cotidianas de seus meios privado e comunitário. Esse aspecto, nas entrevistas, também é colocado como nostálgico, já que muito apareceu nas conversas a saudade desses momentos, que hoje não mais acontecem, são esporádicos ou não possuem participação efetiva dos moradores. Como analisado na pesquisa, diferentes são os fatores que contribuem para o distanciamento da comunidade com a religião católica e em consequência, com o convívio social.

A análise apresentada se interliga com outro resultado do estudo, que é a visão, por parte dos entrevistados, de *saudade e tempos bons*, ao se remeterem as suas memórias de infância e juventude, carregando a ideia de que a comunidade não possui possibilidades de um futuro próspero, acentuada também a visão da individualidade por parte dos atuais moradores.

Com a construção e análise das fontes orais, percebeu-se que o fator do gênero, não muito aprofundado na presente pesquisa, apresentou pontos de importante consideração. As mulheres moradoras e ex-moradoras de São Luiz das Antas, indiferente da região de moradia, possuíam jornadas duplas de trabalho, sendo o trabalho na lavoura, auxiliando maridos e família ou trabalhando para outros agricultores, e o cuidado doméstico, com animais e com filhos ao final do dia. Além disso, observou-se também que a maior parte das mulheres, quase em sua totalidade, vieram a residir em São Luiz das Antas por conta do matrimônio ou por outros motivos, não sendo originárias do local.

Outro elemento ligado à mulher é a restrição em relação à presença no âmbito público, já que elas não permaneciam na Igreja e no salão por muito tempo depois de missas e encontros, diferentemente dos homens, que costumavam jogar cartas, bocha e beber.

Acerca do trabalho, notou-se a distinção entre as atividades realizadas pelos descendentes de famílias imigrantes e os moradores que vieram a residir em São Luiz das Antas posteriormente, nas antigas casas do 1º Batalhão Ferroviário. Os primeiros têm propriedades de terras, herdadas, em sua maioria, das famílias, sendo donos dos meios de produção e, portanto,

agricultores, na totalidade de entrevistados para a pesquisa. O segundo grupo não é proprietário de terras, e assim vendem sua mão-de-obra para os proprietários de terras, prestando serviços ou então buscam emprego em tendas e lancherias da região, ou mesmo procuram trabalho na zona urbana.

Dentre as análises, percebe-se a importância da melhoria do transporte exposta pelos moradores, como o caso do primeiro automóvel da comunidade, destacando um grande avanço para as famílias, já que anteriormente o transporte era por meio de carroças, cavalos ou a pé. O mesmo observa-se com a infraestrutura, sendo os mais salientados a luz e as estradas. Isso pode se dar pela relação do ideal imigrante com melhores condições de vida e a aquisição de bens materiais, aspectos alcançados a partir de muito trabalho e dedicação, segundo essa cultura.

A memória que mais prevaleceu sobre o local, narrada pelos moradores, foi a passagem da Maria Fumaça durante a década de 1990, observado como uma memória positiva. Em certa medida, essa memória ocorre em função da idade dos entrevistados, que estavam presentes na passagem da Maria Fumaça e pouco lembram da presença do Batalhão Ferroviário. Outro fator é a conseqüente gama de pessoas que visitavam o lugar para contemplar a Maria Fumaça, aspecto que não ocorre mais atualmente, auxiliando na impressão que os moradores veem São Luiz como uma comunidade esquecida e com precariedade de futuro.

Um dos pontos mais importantes concluídos com esta pesquisa é que a identidade é móvel, dessa forma, a identidade cultural de São Luiz das Antas é uma construção permanente, sendo mutável a partir dos sujeitos envolvidos, das experiências que ali vivenciam e das relações entre moradores e o espaço. Sendo assim, a identidade presente em São Luiz das Antas evidenciada neste estudo não é estática, sendo consequência de relações culturais e sociais a sua constituição.

Por fim, ressalta-se que a partir da utilização da história oral como metodologia de pesquisa, foi possível a análise de compartilhamentos, aproximações e relações entre as memórias dos moradores e ex-moradores entrevistados, evidenciadas neste estudo e, à vista disso, o entendimento da identidade cultural presente (parcialmente) na comunidade de São Luiz das Antas, que é perpassada dentro de relações entre os sujeitos que ali habitam ou habitaram.

## 5 FONTES

### 5.1 DOCUMENTOS ESCRITOS

Documento da Inspeção de Educação de Bento Gonçalves (aprox. 1941). Acervo pessoal: Rosane Maria Greselle Postal.

Cópia do documento de Licença para a fundação da capela de São Luiz no lote nº 29 da 4ª Seção do Rio das Antas (1897). Acervo pessoal: Rosane Maria Greselle Postal.

Cronograma da programação de eventos para a comemoração dos 120 anos da comunidade de São Luiz das Antas (2016-2017). Acervo pessoal: Rosane Maria Greselle Postal.

Cópia do registro de Via Sacra - 1º documento encontrado sobre a comunidade de São Luiz das Antas (1899). Acervo pessoal: Rosane Maria Greselle Postal.

Cópia do recorte de reportagem do periódico *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, de 22/09/1977 com título “Distrito de São Luiz das Antas receberá a eletrificação rural.” (1977). Acervo pessoal: Sabrina de Lima Greselle.

Portaria de Louvor Thereza Cagol Faé (1984). Acervo pessoal: Thereza Maria Cagol Faé.

### 5.2 FOTOGRAFIAS

Turma de Thereza Faé. Acervo pessoal: Thereza Maria Cagol Faé.

Aldo Greselle e família em frente a caminhonete - primeiro automóvel da comunidade São Luiz das Antas (1970). Acervo pessoal: Rosane Maria Greselle Postal.

### 5.3 FONTES ORAIS

Ivo Rosina

João Batista Greselle

João Postal

Lourdes Maria Pelizzari

Luís José Greselle,

Lucina Maria Paris Faé

Maria de Lourdes Nólío Postal

Odila Calza de Lima

Rosane Maria Greselle Postal

Thereza Maria Cagol Faé

Vitória Menegoto Greselle

## 6 REFERÊNCIAS

- ARALDI, Vanessa Cristina. **O trabalho entre o orgulho, o aprisionamento e o aprendizado:** a representação da identidade operária na memória de ex-trabalhadores da Metalúrgica Abramo Eberle. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História). Caxias do Sul: UCS, 2019.
- BERTOCO, Cristiane. **Patrimônio Cultural de Bento Gonçalves:** Mapeamento e Banco de Dados. Bento Gonçalves: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPURB), 2013.
- BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** [tradução Maria Letícia Ferreira]. - 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Bento Gonçalves:** História e Memória - Distrito de Tuiuti. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2001.
- CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Da Colônia de Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves:** 1875-1930. Bento Gonçalves: VISOGRAF; Porto Alegre; CORAG- Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2005.
- DEBENETTI, Valdete Elza Spindler. **Passeio de trem Maria-Fumaça:** os diferentes olhares. Dissertação (mestrado) – Pró Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2006. 149p.
- DE BONI, Luís A. **Bento Gonçalves era assim.** Caxias do Sul: EST/FERVI, 1985.
- DE PARIS, Assunta (coord). **Memórias:** Bento Gonçalves - 109 anos. Bento Gonçalves: Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves: Arquivo Histórico Municipal, 1999.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FENSTERSEIFER, Margit Arnold. **Elaboração de modelo-ficha de patrimônios históricos a preservar:** levantamentos técnicos e abordagens histórico-socioculturais. 2016. 166 p.

Dissertação (Mestrado profissional em História). Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. - Traduzido do original francês LA MÉMOIRE COLLECTIVE. 2. ed. São Paulo: Vértices, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe B., RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132 p. (Coleção História &...Reflexões, 5).

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. [tradução Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

PRADO, Emanuel Marcos Cruz e. **1º Batalhão Ferroviário: histórico das principais atividades desenvolvidas pelo batalhão desde sua criação**. Lages: [s.n.], 1997.

SCARTON, Marciele Bertoldi; TOMASI, Fernanda. **Mulheres do Interior**. Bento Gonçalves: Fernanda Tomasi, 2013.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995.

WEBER, Regina. **O avanço dos "italianos"**. Resultado parcial de pesquisa financiada pela CNPQ e FAPERGS. 2004.

## ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Ocupação/Profissão:

1. Há quanto tempo reside/ residiu na localidade?
2. É a primeira geração que está morando na Comunidade?
3. Qual é a memória mais marcante que tem sobre o lugar?
4. Qual é a relação da comunidade com a religião?
5. As festas da comunidade aconteciam com que frequência? Se comemorava o quê? Era em honra a São Luiz e Santa Ana? Como estão essas festividades agora?
6. Principal tipo de trabalho? Plantações de que produtos? Como era/é feita a venda desses produtos?
7. Você é envolvido (a) em eventos comunitários?
8. Como você vê a mudança ocorrida ao passar dos anos em São Luiz? Foram significativas? O que mais mudou?
9. Como é/era o dia a dia da comunidade e em casa?
10. A infraestrutura do lugar teve grandes mudanças? Quais foram?
11. Você lembra da comunidade ou ouviu história de como ela era antes da vinda do Batalhão Ferroviário? E como foi quando ele veio para cá?
12. O convívio social das pessoas que moram aqui se dá de que forma?
13. Sobre o time de São Luiz, que lembrança você tem? Qual era a movimentação da comunidade com o esporte?